

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA CATHARINA MENDES

**IDADE ESCOLAR E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UM OLHAR A PARTIR DE
ERIK ERIKSON**

PONTA GROSSA

2022

MARIA CATHARINA MENDES

**IDADE ESCOLAR E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UM OLHAR A PARTIR DE
ERIK ERIKSON**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia na Universidade Estadual de Ponta
Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior.

PONTA GROSSA

2022

MARIA CATHARINA MENDES

**IDADE ESCOLAR E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UM OLHAR A PARTIR DE
ERIK ERIKSON**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora homologada pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como exigência parcial dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Ponta Grossa, 05 de abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof, Dr. Oriomar Skalinski Júnior - Orientador
Doutor em Educação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^a Dr.^a Audrey Pietrobelli de Sousa
Doutora em Educação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Marcelo Ubiali Ferracioli
Doutor em Educação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

PONTA GROSSA

2022

Aos meus pais, meus maiores incentivadores e amores

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido chegar até aqui e pela forma que me conduziu em todo processo de formação, guiando meus passos, proporcionando saúde, motivação e por se mostrar presente em todos os dias de minha vida.

Aos meus pais, que me inspiram e dão forças para sempre lutar por meus objetivos, tomando meus sonhos como deles, me dando toda força e incentivo necessários para sempre continuar acreditando em mim e demonstrando o amor deles por tudo que diz respeito a mim e a meus irmãos.

Aos meus irmãos, por sempre estarem ao meu lado me apoiando nos momentos em que precisei, sendo inspirações em minha vida.

À toda minha família, por todo apoio e presença na minha vida, não só acadêmica, mas sim, nos mais diversos e lindos momentos vividos, me apoiando e motivando a ser melhor.

Aos professores, que durante todo o curso, demonstraram tamanho comprometimento com a educação e compartilharam seus conhecimentos de maneira sábia.

Ao professor Oriomar Skalinski Junior, que me acompanhou durante a realização deste trabalho, pela oportunidade de orientação, pelo incentivo e apoio durante todo caminho.

À banca de TCC, professora Audrey Pietrobelli de Sousa e professor Marcelo Ubiali Ferracioli, que foram meus professores durante a graduação, por aceitar fazer parte do processo de finalização e avaliação deste trabalho, contribuindo de maneira significativa à minha trajetória formativa.

Aos meus amigos que me acompanharam ao longo do curso, sempre sendo suporte e alegria em todos os momentos necessários, por fazerem parte da minha história e por me permitirem fazer parte da vida de cada um deles.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram nesse período de estudos, me dando uma palavra amiga, incentivando e estando ao meu lado em todos os momentos.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo discutir a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, particularmente no que diz respeito ao impacto das crises por ele descritas como constituintes da formação da identidade, ao longo do período etário relativo à idade escolar. Trata-se de uma pesquisa conceitual de caráter bibliográfico cujo referencial teórico baseou-se em Erikson (1968; 1977); Erikson e Erikson (1998); Shirahige e Higa (2004); Freud (2013; 2016); entre outros autores. A fim de compreender as implicações de cada estágio na vida do indivíduo, pontua-se que tal temática é de suma importância, pois retrata o impacto do meio social vivido no desenvolvimento humano, contribuindo para agregar novas características ao indivíduo que advém de uma cultura social vivenciada no âmbito familiar. Destacam-se pontos que mostram como o âmbito escolar impacta na formação da identidade da criança e do adolescente, frente aos muitos estímulos pelos pares que participam cotidianamente dessa relação social, agregando assim, novos conhecimentos e experiências que se tornam parte do indivíduo ali presente e de seu desenvolvimento futuro como pessoa. Nesses termos, este trabalho relata como o meio exterior no qual se está inserido intervém na formação da identidade do ser humano, atribuindo comportamentos, crenças, crises e ideais baseados nas influências presentes no âmbito escolar, vivenciado pela criança/adolescente.

Palavras-chave: Erik Erikson. Teoria Psicossocial. Crise. Identidade. Idade Escolar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE ERIK ERIKSON	12
1.1. FORMAÇÃO INICIAL	12
1.2. ERIK ERIKSON: ANTECEDENTES TEÓRICOS.....	18
CAPÍTULO 2 - CONCEITOS ELEMENTARES DA TEORIA PSICOSSOCIAL DE ERIK ERIKSON	31
2.1. MODOS DOS ÓRGÃOS E MODALIDADES POSTURAS E SOCIAIS.....	31
2.1.1. Modos pré-genitais.....	31
2.1.2. Modalidades posturais e sociais.....	35
2.2. RITUALIZAÇÃO E RITUALISMO.....	38
2.3. DEFESA DO EGO E ADAPTAÇÃO SOCIAL.....	45
CAPÍTULO 3 - A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA IDADE ESCOLAR	51
3.1. ESTÁGIOS DA TEORIA PSICOSSOCIAL DE ERIK ERIKSON.....	51
3.1.1. Confiança Básica x Desconfiança Básica.....	53
3.1.2. Autonomia x Vergonha e Dúvida.....	54
3.1.3. Iniciativa x Culpa.....	55
3.1.4. Diligência x Inferioridade.....	57
3.1.5. Identidade x Confusão de Identidade.....	58
3.1.6. Intimidade x Isolamento.....	59
3.1.7. Generatividade x Estagnação.....	60
3.1.8. Integridade x Desespero – Sabedoria.....	61
3.1.9. Gerotranscendência.....	62
3.2. IDADE ESCOLAR E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UM PROCESSO INDISSOCIÁVEL.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema de estudo a formação da identidade e o papel das crises durante a idade escolar, a partir da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, visando apresentar os elementos que influenciam a construção da identidade do ser humano, enfatizando que a mesma não é imutável, mas sim, pode agregar novas características através dos momentos vividos pelo indivíduo. Ao se pensar sobre determinadas singularidades pessoais na vida adulta, logo se coloca em julgamento o que está sendo percebido no presente, porém, muitas das vezes, se esquece que o ser humano é resultado de inúmeros acontecimentos passados, de experiências significativas, de vivências marcantes acontecidas e ligadas ao meio social. Portanto, ao se considerar a importância das mais diversas fases da vida do ser humano e os reflexos do meio no qual ele está inserido, percebeu-se a necessidade de olhar para a idade escolar, de modo a avaliar os elementos que possuem impacto na construção da identidade da criança e do adolescente.

O objetivo desta pesquisa foi discutir a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, particularmente no que diz respeito ao impacto das crises por ele descritas como constituintes da formação da identidade, ao longo do período etário relativo à idade escolar. A fim de alcançar tal objetivo, foram estabelecidos como objetivos específicos: a) analisar o conceito de identidade e de crise; b) identificar as fases do desenvolvimento psicossocial; c) discutir o papel da crise no comportamento humano durante a idade escolar.

Este estudo é uma pesquisa conceitual de caráter bibliográfico que estabelece uma problemática específica acerca da obra de Erik Erikson, tendo adotado como procedimentos metodológicos: seleção de bibliografia, fichamentos, organização de conceitos e discussão do problema estabelecido. Segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 65): “a pesquisa bibliográfica tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”. A presente pesquisa empreendeu levantamento referente às produções acadêmicas que abordaram temáticas relativas à teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, bem como acerca das implicações da crise na formação da identidade durante a idade escolar – que compreende dos três aos dezoito anos de idade, ou seja, da educação infantil ao ensino médio. Esse período citado corresponde a três fases do desenvolvimento psicossocial estabelecido por Erikson,

sendo eles: iniciativa x culpa; diligência x inferioridade; identidade x confusão de identidade.

A escolha por estudar essa temática se deu pela consideração da importância da construção do ser humano, pensando em como todos os eventos ocorridos nas diversas fases da vida estarão presentes nas demais. É necessário sempre fazer a ponte do que já foi passado e formado, pelos ambientes nos quais se viveu, com as atividades ligadas ao momento atual da vida.

Erik Erikson, um psicanalista alemão, dedicou seus estudos ao desenvolvimento e à personalidade, sustentado pela teoria psicanalítica. O autor enfatizou, em sua Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, que a dinâmica da sociedade em que o indivíduo está inserido é uma influência determinante para todo processo de vida do ser humano, trazendo aspectos marcantes do passado que se mantém no presente e, possivelmente, no futuro do indivíduo. Baseando-se em seus estudos da teoria de Sigmund Freud (a psicanálise), Erikson reforça a importância das crises do ego ao longo da vida do ser humano, pois cada situação experienciada pelo sujeito reflete ao longo de sua vida, agregando novos conceitos para a vida pessoal do mesmo, tanto de maneira positiva quanto negativa, compondo a construção do desenvolvimento humano até o final de sua vida.

Para acontecer o processo de desenvolvimento da identidade, Carpiagiani (2010) relata que são necessárias três dimensões: a dimensão biológica, a dimensão social e a dimensão individual. A dimensão biológica compreende o desenvolvimento sustentado pela maturação biológica e pela estrutura biológica que alicerça o desenvolvimento dos seres vivos. A dimensão social diz respeito às relações culturais nas quais o ser humano está inserido; e, por último, a dimensão individual promove a articulação das duas dimensões citadas anteriormente, de maneira pessoal, e articula pontos que constroem a identidade do sujeito. As referidas dimensões colaboram para o entendimento de como o processo de formação da identidade se dá, por meio da junção das mesmas, com influências que refletem diretamente na vida do ser humano de modo amplo.

Ao longo do processo relatado na presente pesquisa, o ego é o foco de toda trajetória da vida do ser humano. Erikson, baseando-se na obra freudiana, propõe em sua teoria psicossocial que o ego se desenvolve na interdependência entre a organização social e a interna, na integração da história vivenciada no tempo em que acontece, na continuidade das experiências afetivas desde cedo, mantendo um

diálogo do seu eu passado com o presente. Tais elementos norteiam os oito estágios escritos por Erikson em sua teoria psicossocial do desenvolvimento, demarcando as crises presentes em cada estágio, na maturação do ego, visto que, cada estágio compreende uma faixa-etária específica. As crises presentes nos estágios podem pender ao lado positivo ou negativo do momento vivido; porém, não existe um momento certo dentro do estágio para que se perceba a crise acontecendo, os reflexos serão visíveis no cotidiano, podendo ser verificados de maneira mais acentuada ou de maneira mais branda. (CARPIAGIANI, 2010).

Um dos processos citados no trabalho que colaboram na compreensão de como se dá o processo de adaptação do ego é a diferenciação de ritualização e ritualismo, conceitos esses que nomeiam as condutas feitas pelo sujeito, tendo caráter positivo e negativo. A ritualização é o lado positivo da convivência social que emprega efeitos no comportamento do ser humano. Ela ocorre pelo entendimento do ser humano sobre determinada conduta, vendo significado na ação feita. Por outro lado, o ritualismo é o movimento que acontece quando o indivíduo reproduz uma ação de maneira abrupta, não tendo significado nenhum para ele, causando apenas a aceitação de fazer algo por fazer, criando bloqueios das interações sociais dos ambientes vividos. Por vezes, vê-se a criança ou o adolescente (especialmente o adolescente), tendo comportamentos excêntricos que, muitas vezes, não são aceitos pela sociedade na qual ele está inserido, mas é apenas uma forma de ser aceito no grupo social que ele convive, visto que o ser humano tem a necessidade de ser acolhido e aceito por algum círculo social presente no cotidiano.

Dado o exposto, nota-se que o ser humano é uma junção de todas suas experiências significativas nos determinados meios sociais vividos, logo faz-se necessário olhar para o âmbito escolar, pois é um dos ambientes mais influenciadores na vida da criança, além de seu núcleo familiar. É na escola que a criança e o adolescente encontrarão pessoas diferentes, com condutas e pensamentos, muitas das vezes, não conhecidos pelos indivíduos, mas que, com o passar do tempo, da convivência, certas situações e conhecimentos serão trocadas e implicarão na formação da identidade do sujeito. Pensar sobre como ocorrem as transformações na vida da pessoa é um ato complexo, mas que, ao conhecer a fundo as experiências vividas, muito se é explicado e esclarecido sobre atitudes realizadas no presente.

Dessa forma, visando a contemplar a visão sobre a importância das crises na formação da identidade na idade escolar, o presente trabalho está organizado em três

capítulos. O primeiro capítulo trata da vida de Erik Erikson e do embasamento central de sua teoria, abordando aspectos bibliográficos sobre a vida do autor, mostrando sua trajetória de vida pessoal e de estudos. Bem como, o embasamento da teoria do referido autor, destacando a influência que sofreu de Sigmund Freud e de sua Psicanálise, aspectos de extrema relevância para a compreensão da teoria do desenvolvimento psicossocial elaborada por ele elaborada.

No segundo capítulo, estão apresentados conceitos base para a compreensão da teoria psicossocial de Erik Erikson, sendo abordado os modos dos órgãos que são necessários entender no desenvolvimento humano, tais como modos posturais, voltados para maneiras de se portar de acordo com a sociedade na qual se está inserido, os quais refletirão ao longo do desenvolvimento humano. Cabe-se ressaltar que esses modos são ligados à teoria do desenvolvimento psicossocial descrita por Freud. Uma discussão presente no referido capítulo reflete sobre a diferenciação dos conceitos de ritualização e ritualismo, bem como suas implicações na vida do indivíduo perante o meio social vivido e sobre o ego e seus mecanismos de defesa, em relação à adaptação social do ser humano, visto que esse processo acontece desde o nascimento, se prologando até o final da vida do mesmo, dado que o ser humano vive em constante troca com relação ao seu próprio eu e ao ambiente convivido.

No terceiro e último capítulo, abordam-se os estágios do desenvolvimento psicossocial descritos por Erikson e a relação da crise na formação da identidade durante a idade escolar, compreendendo da educação infantil ao final do ensino médio (dos três aos dezoito anos de idade). Em seguida, serão abordados os oito estágios da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson e um adicional, descrito por sua esposa, Joan Erikson. Estes são: confiança básica x desconfiança básica; autonomia x vergonha e dúvida; iniciativa x culpa; diligência x inferioridade; identidade x confusão de identidade; intimidade x isolamento; generatividade x estagnação; integridade x desespero – sabedoria; gerotranscendência. (RABELLO; PASSOS, 2001; CARPIGIANI, 2010). Por meio do exposto, é notória a relevância das implicações das crises presentes em cada um dos estágios presentes na idade escolar, como já mencionado, somando a novas identificações e estímulos presentes no novo meio social, no qual o ser humano estará inserido e pelo período de tempo que o frequentará.

CAPÍTULO 1

A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE ERIK ERIKSON

No primeiro capítulo, será abordada a trajetória de vida e acadêmica de Erik Erikson, com destaque para as bases que lhe deram sustentação, a fim de elaborar sua teoria do desenvolvimento psicossocial. Destaca-se, desde o presente momento, a importância de se compreender a psicanálise conforme elaborada por Sigmund Freud, visto se tratar de teoria de extrema relevância para o entendimento dos estágios propostos por Erik Erikson. A psicanálise, segundo Shirahige e Higa (2004), é um campo de investigação da psique humana, sendo uma ciência, uma escola psicológica, que visa penetrar na profunda dimensão do psiquismo humano a fim de conhecê-lo. Freud foi o precursor dessa teoria, buscando investigar o inconsciente do sujeito, com vistas a contribuir para que os pacientes tivessem avanços na elaboração de suas dificuldades. No decorrer desse capítulo, será discutida a base da teoria psicossocial de Erikson, a qual tem como núcleo central o ego e seu desenvolvimento.

1.1. FORMAÇÃO INICIAL

Um dos psicanalistas mais influentes do século XX, Erik Homburger Erikson, tinha como um dos principais focos de estudo e discussão a personalidade, tendo se tornado por meio de suas investigações, uma referência no assunto. Para Barros (1991), Erikson construiu uma carreira literária e acadêmica exitosa, resultante de pesquisas coerentes e consistentes que tratam da personalidade, destacando o papel do ego.

Erik Salomonsen – nome de batismo de Erik Erikson – nasceu em 15 de junho de 1902, na cidade alemã de Frankfurt, numa família de origem judaica. Foi criado por sua mãe Karla Abrahamsen, pouco se sabe sobre seu pai biológico, apenas que era um dinamarquês. Sua mãe, ao descobrir a gravidez, precisou se mudar para Alemanha para ficar mais perto de familiares. Quando o filho tinha cerca de 3 anos de idade, Karla Abrahamsen, ao levá-lo para uma consulta envolveu-se afetivamente com o médico, o pediatra Theodor Homburger, posteriormente, casando-se com ele. Theodor Homburger tomou parte na criação do menino, quando Erikson fez 8 anos teve seu nome mudado para Erik Homburger e, em 1911, ele foi adotado oficialmente por seu padrasto. (KELLAND, 2020).

Segundo Kelland (2020), Erik Erikson nunca sentiu segurança no relacionamento com sua mãe, pois, por mais que fossem próximos e ela tivesse admiração por sua sensibilidade para arte, Karla dedicou muita atenção ao seu novo marido, deixando Erikson traumatizado pela mudança de foco de atenção da mãe, o que se associou às suas dificuldades em relação ao fato de que Theodor Homburger não era seu pai biológico. A adoção do menino teria acontecido mais por questões de convenção social, do que propriamente por um estreitamento do sentimento entre padrasto e enteado.

Sobre a trajetória escolar de Erik Erikson, Gallatin (1978) relata que estudou latim e grego, literatura alemã, história antiga e arte, destacando-se nas mesmas. Ao entrar no ginásio, seus estudos foram voltados para as humanidades e artes, almejando ser artista desde pequeno. Carpiagiani (2010) registra que Erikson, mantendo seu desejo de se tornar um artista, desistiu dos estudos e iniciou uma viagem entre Alemanha e Itália com um grupo de amigos durante sua adolescência. Erikson realizou sua viagem pela Europa justamente para tentar encontrar sua identidade, pois como mencionado, seu meio de crescimento foi um tanto conturbado por conta da delicada história com seu pai biológico e seu padrasto.

Segundo Barros (1991), após Erik Erikson ter se formado Instituto Psicanalítico de Viena, visando se tornar psicanalista infantil. Aos 25 anos, ele se uniu ao seu amigo Peter Blos, um dos integrantes do grupo de amigos com quem viajou pela Europa, a fim de ir para Viena lecionar de maneira particular às crianças que possuíam educação domiciliar. Peter Blos morava com uma das famílias em que lecionava, família essa, que era próxima dos Freud. Tal circunstância possibilitou a aproximação deles com Sigmund Freud; dessa maneira, iniciou seu trabalho ensinando arte em uma escola voltada à crianças, cujos pais faziam psicanálise com Anna Freud. Essa escola se chamava Escola de Hietzing e foi nela que Erik Erikson e Peter Blos puderam mostrar seus trabalhos, obtendo resultados surpreendentes. Com Erikson, as crianças estudavam arte, música, poesia, história alemã, história antiga e geografia, além de fazerem brinquedos e exposições. Foi também nessa estrutura escolar que Anna Freud começou a desenvolver suas ideias acerca da psicanálise de crianças. (KELLAND, 2020).

Com relação aos laços construídos com esse trabalho, Barros (1991) e Carpiagiani (2010), mencionam que Anna Freud observava Erikson em suas atividades e ficou impressionada com a rapidez com que ele se estabeleceu uma relação positiva

com as crianças. A partir disso o convidou para tomar parte junto ao grupo de psicanálise, como estudioso, como paciente e como psicanalista em formação. Em seu processo de formação de psicanalista, teve como professores alguns nomes consagrados, tais como Paul Federn, August Aichhorn e Heinz Hartmann. Como especialidade, Erik Erikson se identificou com análise infantil, sendo estagiário de Anna Freud. Concomitante ao seu processo de formação em psicanálise, buscou participar de treinamento na abordagem Montessori da educação, voltado à independência e ao desenvolvimento da autonomia das crianças, a partir de idades iniciais até ao processo da maturidade na adolescência, sendo um dos dois únicos homens a realizar o treinamento.

Em meados de 1929, Erikson conheceu Joan Serson, uma canadense que também foi para Viena em busca de seguir sua jornada de estudo; na época, ela era doutoranda. Eles se conheceram num baile de máscaras em um palácio de Viena e, em um curto período de tempo, já moravam juntos. Joan Serson começou a lecionar na Escola Hietzing. Em 1930 a mãe de Serson adoeceu gravemente, o que fez com que ela precisasse ir para a Filadélfia, onde, nesse período de visita, descobriu que estava grávida. Face à gravidez, voltou a Viena para se casar com Erikson, porém, ele era relutante com a ideia do casamento, apenas se casou por conta dos incentivos feitos por seus amigos, que o persuadiram para não seguir o exemplo de seu pai biológico, de modo a não abandonar a mulher e o filho (KELLAND, 2020).

Kelland (2020) comenta que quando nasceu Kai, o primeiro filho do casal, eles viviam em um andar acima da Escola Hietzing, compartilhando a experiência de pais de primeira viagem com toda comunidade escolar. Porém, em 1932, a escola foi fechada por conta de dois motivos: parte das crianças retornaram para a América com suas famílias; e por opiniões divergentes com relação à maneira como a escola deveria ser administrada. Era também apropriado que Erikson fosse embora de Viena, tendo em vista a Europa estar passando por um período violento e hostil, à medida que o nazismo ganhava força na Alemanha. Preocupados com o cenário que estava ocorrendo na época e com sua família, pois já tinham dois filhos nesse período, Joan Serson e Erik Erikson resolveram se mudar para Kopenhaga, na Dinamarca. Para conseguir a cidadania dinamarquesa, o processo era muito complexo por conta dos requisitos necessários, e a família acabou não conseguindo o visto de permanência, o que fez com que o casal fosse para os Estados Unidos, lugar onde não tiveram dificuldade para obter a cidadania.

Um fato se faz relevante sobre a mudança de Erikson e Joan Serson para os Estados Unidos: a mudança de sobrenome. Quando se instalaram em Boston, seu filho mais velho, Kai Homburger, sofria com brincadeiras de mau gosto com seu nome do meio: Homburger. Pois as demais crianças o chamavam de "hambúrguer", a fim de zombar dele. Por conta desse fato, o casal decidiu voltar à tradição escandinava de dar ao filho o nome de seu pai, chamando assim o menino de Kai Erikson, sobrenome ao qual o casal decidiu aderir, tornando-se assim, Erik e Joan Erikson. (KELLAND, 2020).

De acordo com Kelland (2020) e Barros (1991), ao estar construindo uma vida em Boston, Erikson foi bem recebido pela comunidade psicanalítica, tendo em vista ter conhecido Sigmund Freud e sido formado psicanalista por Anna Freud. O fato de não ter cursado uma faculdade específica não o impediu de aprofundar seus estudos e trabalhar com o público infantil, assumindo funções, inclusive, tanto em hospitais quanto no polo de medicina da famosa Harvard, no Massachusetts – nomeadamente, no General Hospital e no Judge Baker Guidance Center. Em 1926, foi oferecido a Erikson um cargo no Instituto de Relações Humanas da Universidade de Yale, o qual aceitou e acabou conhecendo John Dollard. Dollard foi um grande encorajador dos interesses de Erikson na pesquisa transcultural e em prolongar as teorias de Freud ao longo da vida, sendo uma influência positiva e significativa na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson.

Barros (1991) relata que Erik Erikson e seu trabalho investigativo nas universidades enraizou o seu interesse pela psicanálise, pela psicologia e pela antropologia. Nesse movimento, Margaret Mead e Ruth Benedict o convidaram para uma excursão numa reserva indígena, a fim de estudar crianças nativas da etnia Sioux. A visita de Erikson aos Sioux teve como objetivo observar as interações entre mães e filhos no interior dessa comunidade indígena, tendo os achados de suas investigações sido repassados ao Bureau of Indian Affairs – Departamento de Assuntos Indígenas. Essa entidade era responsável pelo apoio do governo às etnias indígenas, reunindo esforços para manter os direitos das mesmas asseguradas, aumentando a proteção à vida e promovendo ambientes seguros e de qualidade. (KELLAND, 2020).

Em meados de 1939, Erikson e sua família foram morar na Califórnia. Ele trabalhava em San Francisco num consultório de psicanálise aplicada a crianças, o qual se tornou o centro no qual aplicava seus conhecimentos. A atenção psicanalítica

à crianças foi um investimento que ganhou ainda mais espaço nessa circunstância da vida de Erikson. Nesse momento, concretizou-se mais uma excursão de pesquisa importante para sua vida intelectual, na qual acompanhado por Alfred Kroeber, foi a uma tribo da etnia Yurok, no norte da Califórnia. Acontecimento esse que, juntamente a visita aos Sioux, subsidiou a escrita de um dos seus livros mais conhecidos *Infância e Sociedade* (1950), o qual possui seções tratando sobre influência da vida social e cultural, do brinquedo e das brincadeiras, na formação da identidade. Nessa obra destacam-se os oito estágios de desenvolvimento, ressaltando a importância do meio e da sociedade nessa trajetória das crianças. (BARROS, 1991).

Gallatin (1978) escreve que, algum tempo depois, Erikson deixou a universidade em que trabalhava, pois no contexto histórico da Guerra Fria uma das imposições era a obrigatoriedade de os funcionários assinarem juramentos de lealdade e de ruptura a ideias radicais. Ao se recusar a tal ação, passou a lecionar no Austen Riggs Center, um lugar de tratamento psiquiátrico em Massachusetts, trabalhando com adolescentes emocionalmente atribulados. Kelland (2020) e Carpiaginani (2010), relatam um fato sobre o quarto filho do casal Erikson, que foi mantido em segredo por conta da maneira como o evento aconteceu. O casal já tinha 3 filhos – Kai, Jon e Sue – quando Joan Erikson, engravidou novamente, dessa vez, estava à espera de Neil. Por motivos de complicação no parto da terceira filha, ao dar à luz a Neil, Joan Erikson estava sedada e não participou de forma lúcida desse momento. Os médicos convocaram Erikson no hospital e o disseram que seu filho recém-nascido tinha Síndrome de Down. A circunstância de saúde do bebê foi considerada grave, tendo sido passada ao pai a informação de que dificilmente a criança viveria mais de um ou dois anos. A equipe médica recomendou que o bebê fosse institucionalizado. Era Joan Erikson habitualmente a responsável pelas decisões familiares, naquela circunstância, conforme Kelland (2020), Erik Erikson ligou para uma amiga próxima, Margaret Mead, a qual garantiu que a equipe médica estava certa na decisão. Assim, Erikson assinou os papéis necessários e Neil foi transferido antes mesmo de Joan Erikson acordar.

A escolha feita por Erik Erikson gerou grandes problemas na vida do casal. Joan Erikson sentiu muito o fato de não ter tido o espaço para discutir a decisão em relação ao filho, porém nunca fez qualquer esforço para buscar e trazer Neil para casa. Para os outros filhos, eles contaram que o bebê tinha morrido e outras pessoas sequer sabiam da existência dessa criança. Apenas depois de dois anos do ocorrido,

contaram ao filho mais velho sobre, mas ele estava estritamente proibido de mencionar a questão para qualquer pessoa. Neil viveu até os 21 anos (KELLAND, 2020).

Segundo Gallatin (1978), Erikson foi convidado na década de 1960 a voltar a lecionar em Harvard, universidade na qual veio a ensinar sobre desenvolvimento humano até 1970, sendo também o ano em que se aposentou e voltou para a Califórnia, com Joan Erikson. Três anos depois, ele ganhou uma honra intitulada Jefferson Lecture, sendo a maior honraria nacional na área das humanidades e, nos próximos 15 anos de sua vida, Erikson continuou seus estudos e escrevendo sobre suas pesquisas. Em meados de 1987, Erikson começou a ter alguns problemas de saúde, o que fez com que Joan e ele retornassem a Massachusetts, para morar com dois jovens professores, os quais auxiliariam nos cuidados para com o casal, cuidados esses, que perduraram até a momento da morte de Erik Erikson, no dia 12 de maio de 1994.

Erikson foi um dos estudiosos mais relevantes da psicologia do ego, efetivamente, um pioneiro nessa área, tinha a concepção de que o ego era mais do que um mediador do id. Voltando o seu olhar para o ambiente no qual o sujeito estava inserido, Erikson, reforçou a importância do meio para a formação de si e da identidade. No que diz respeito ao estudo da identidade, Erikson formulou um ciclo que contempla os extremos presentes em cada período vivido pelo ser humano. Sua conhecida teoria do desenvolvimento psicossocial é dividida em oito estágios, sendo eles: confiança x desconfiança; autonomia x vergonha e dúvida; iniciativa x culpa; diligência x inferioridade; identidade x confusão de identidade; intimidade x isolamento; generatividade x estagnação; integridade x desespero. Joan Erikson, sua esposa, ainda propôs um nono estágio nesse ciclo, o qual chamou de gerotranscendência. (CARPIGIANI, 2010).

Erik Erikson foi amplamente reconhecido pelos seus estudos sobre o ego e a formação da personalidade humana, demonstrando as peculiaridades existentes entre cada fase do ciclo vital do ser humano. Observar as mais diversas características presentes nas fases descritas por Erikson, colabora para o entendimento de como as situações ocorridas na vida do indivíduo impactam o desenvolvimento e a formação da identidade.

1.2. ERIK ERIKSON: ANTECEDENTES TEÓRICOS

Para uma compreensão mais aprofundada da teoria de Erik Erikson, faz-se necessário voltar a atenção para conceituações propostas por Sigmund Freud, visto que Erikson, baseou-se na obra freudiana para escrever a teoria do desenvolvimento psicossocial.

Sigmund Freud, nascido na Morávia, formou-se em medicina pela Universidade de Viena, onde desenvolveu inicialmente estudos e experimentos nas áreas da biologia e da fisiologia. Por conta de seus interesses na mente humana e pelo desejo de compreender o adoecimento do psiquismo, trabalhou com o médico vienense Josef Breuer por meio da hipnose, a fim de descobrir a origem das questões que perturbavam seus pacientes. Em 1896, abandonou a hipnose por entender que não era um método pertinente, visto que nem todos seus pacientes eram passíveis de hipnose e os resultados positivos que aconteciam eram de curta duração.

Em razão da ruptura do trabalho com seu parceiro Breuer, segundo Barros (1991), Freud desenvolveria um conjunto de concepções que constituem uma teoria sobre o psiquismo humano e uma técnica terapêutica denominada psicanálise. Para uma conceituação fidedigna com a realidade e fundamentada, Freud baseou-se em suas experiências clínicas, a partir das quais construiu um arcabouço de dados que o subsidiaram nessa empreitada. Porém não se limitou apenas a esses casos clínicos, tendo também aliado suas próprias experiências vividas ao longo da vida, desenvolvendo uma autoanálise sistemática.

Para explicar o que é psicanálise, Shirahige e Higa (2004, p.14) escrevem que:

A expressão Psicanálise designa uma ciência, uma área de conhecimento, uma escola psicológica que busca penetrar na dimensão profunda do psiquismo humano para conhecê-lo. Enquanto ciência, possui um método, um conjunto de procedimentos para o estudo dos fenômenos humanos.

Perante o fragmento acima, a psicanálise, enquanto área do conhecimento, faz uma ponte de compreensão mais profunda do psiquismo humano e, enquanto ciência, propõe ferramentas que auxiliam o estudo das características humanas, tais processos permeados por um método interpretativo que, segundo as autoras, se chama método de associação livre. A psicanálise realiza um recorte que possibilita o exercício de uma prática específica, isso ocorre ao dar lugar ao sujeito do inconsciente. Essa atividade psicanalítica possibilita que a subjetividade seja

envolvida em uma vivência junto ao analista, pois é por meio da psicanálise que se busca o sentido profundo de certas experiências de vida e modos de ser. (GIANESI, 2004).

Santos (2000) registra que atualmente, a psicanálise é uma das áreas do conhecimento que faz o resgate do conceito de sujeito, de modo a contemplar também seu aspecto inconsciente. Segundo a referida autora, para a psicanálise, o sujeito do inconsciente se constitui pela linguagem, sendo uma ferramenta instituída pelo mesmo sujeito, ou seja, o sujeito em questão, se desenvolve por meio das mediações com o outro, articulando seu conhecimento com o do outro, formando uma estruturação psíquica mais formada e embasada nas trocas sociais.

Dentro da psicanálise, uma das principais teorias propostas por Freud é a das instâncias psíquicas, a qual colabora para a compreensão dos níveis da personalidade. Schultz e Schultz (2011) relatam que Freud separava o aparelho psíquico em três níveis: consciente, pré-consciente e inconsciente. Segundo os autores, o consciente corresponde ao sentido normal cotidiano, ou seja, está no consciente todas experiências, sensações, momentos vividos dos quais se está ciente num dado momento. Freud (2013) considerava o consciente um fragmento de aspecto limitado da personalidade, pois há apenas uma pequena parte dessas lembranças conscientes o tempo todo, bem como relatava que o consciente é quebrado dependendo da influência que pode ser empregada nele.

Entre o consciente e o inconsciente existe o pré-consciente que, segundo Schultz e Schultz (2011), é um banco de memórias, lembranças, percepções e ideais das quais não se está consciente num dado momento, porém, sendo possível trazê-las para o consciente pelo esforço de memória relembrando eventos e trazendo à tona acontecimentos já vividos. Para Freud (2013), o nível mais decisivo para a constituição do sujeito é o inconsciente, sendo inclusive a parte mais ampla do aparelho psíquico, segundo a metapsicologia freudiana. Torezan e Aguiar (2011) pontuam que Freud propõe um conceito de inconsciente enquanto uma instância psíquica caracterizada por uma maneira particular de operar, sendo regulada por diferentes leis daquelas que a consciência ordena. A profundidade desse nível é o lugar onde os instintos habitam, aqueles que impactam em última instância nossas condutas e comportamento, ações essas, que muitas vezes passam despercebidas ao sujeito, visto não ter acesso consciente a elas. Shirahige e Higa (2004), comentam que há uma série de forças que impulsionam a vida mental que expressam a necessidade do organismo humano e de

seu psiquismo, porém, há impulsos instintivos antagônicos que são contrários às normas de socialização, ou seja, são certos desejos agressivos e sexuais que são censurados internamente, não permitindo que cheguem ao acesso da consciência. Essa ferramenta de proibição em relação à livre expressão desses aspectos é chamada de repressão.

Concomitantemente à explicação topológica, Freud esquematiza a estruturação do aparelho psíquico a partir de três conceitos: id, ego e superego – os quais explicariam a sua dinâmica. O id se refere à zona inconsciente, primitiva e instintiva que o ser humano possui desde a sua nascença e que engloba todos os desejos, instintos e pulsões que não são diretamente influenciados por elementos de cariz moral. O id é considerado a instância original da psique, provendo assim, impulsos ou pulsões.

Seus conteúdos são as representações psíquicas dos instintos, ou seja, representações do mundo interno da experiência subjetiva, a verdadeira realidade psíquica como Freud o chamou. Está intimamente relacionado com os processos corporais, dos quais retira sua própria energia; portanto, é o reservatório da energia física que põe em funcionamento os outros sistemas. Podemos dizer que é o componente biológico da personalidade. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 17).

Dado o exposto sobre o uso da energia presente no id em funções biológicas do corpo humano, faz necessário comentar que o id é o lugar no qual se localiza o princípio do prazer e as pulsões sexuais, impelindo desejos que surgem no ser humano, a fim de baixar a tensão acumulada no organismo, numa tentativa de satisfazer as necessidades emergentes.

O id age de acordo com o que Freud chamava de princípio do prazer; por meio da sua preocupação com a redução da tensão, o id atua para aumentar o prazer e não tolera atrasos ou adiamentos da satisfação por nenhum motivo. Ele só conhece a gratificação instantânea, nos conduz ao que queremos quando queremos, sem levar em consideração o que os outros querem. É uma estrutura egoísta que busca o prazer, é primitiva, amoral, insistente e impulsiva. (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 47).

Como relatado pelos autores, o id não possui uma consciência da realidade, podendo ser comparado a um bebê que chora quando não tem as necessidades atendidas, porém não possui meios de buscar satisfazer o que deseja. As maneiras pelas quais o id consegue satisfazer suas necessidades são apenas o ato reflexo e o desejo ou fantasia, que foi explicado por Freud como um processo primário. “Processo

primário é o raciocínio infantil (primitivo) pelo qual o id tenta satisfazer os impulsos instintivos”. (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 48).

Shirahige e Higa (2004) explicam que atos reflexos são aqueles que possuem reações automáticas e congênitas, tal como tossir, espirrar, dentre outras ações, reduzindo imediatamente as tensões. Já quanto ao processo primário, as autoras relatam que a redução da tensão ocorre pela formação da imagem mental do que se deseja, como por exemplo, quando alguém está com fome e ela imagina uma comida como forma de satisfazer o desejo desse momento, no caso, a fome, mas a imagem mental não reduz a fome, a pessoa precisa procurar e consumir o alimento para experimentar satisfação/prazer.

A segunda estrutura freudiana da personalidade é o ego, o lado racional da personalidade. Shirahige e Higa (2004) explicam que o ego é responsável pela troca e contato com o ambiente, com a realidade externa, constituindo a sede de grande parte das funções mentais, podendo se referir ao ego como componente psicológico da personalidade. Para Schultz; Schultz (2011), o intuito do ego não é contestar os impulsos do id, mas sim, ajudar a reduzir a tensão presente ali. Em razão do ego estar ligado e norteado pela realidade, decide quando os instintos presentes no id podem ser realizados da melhor maneira, elencando momentos, situações e lugares que irão satisfazer os impulsos. As habilidades presentes no ego são chamadas de processo secundário.

O ego, por meio desse processo secundário, elabora um plano para satisfazer a necessidade e depois o testa a fim de verificar a funcionalidade de sua ação. Cabe a ele controlar as direções da ação, bem como selecionar a quais aspectos do meio deverá reagir e quais instintos devem ser satisfeitos. O ego, por ser a parte organizada do id e por possuir a função de realizar objetivos dessa instância primária. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p.19).

O ego media constantemente o id e a realidade, trabalhando com as demandas e conflitos entre ambos, bem como jamais se separa do id, reagindo perante ele respondendo às demandas e, articulando assim, a realidade e a energia para realizar tal ato. Schultz e Schultz (2011), relatam, a título de exemplo, que é o ego que mantém o sujeito num trabalho que não lhe agrada, se a consequência da saída desse emprego é deixar de sustentar a casa e dar comida aos filhos. Sendo assim, é o ego que colabora nas mais diversas situações presentes no cotidiano, sejam elas positivas ou negativas, que ajuda na manutenção de determinada situação por algum motivo,

sem deixar com que o princípio do prazer vindo do id prevaleça. Portanto, as funções do ego precisam ser exercitadas constantemente, para que os impulsos do id não dominem a conduta do sujeito, visto que a ação que será realizada é a adequação de desejos do id com a realidade externa diagnosticada pelo ego, sendo esse segundo, responsável por buscar uma solução capaz de oferecer o melhor balanço possível entre frustração e satisfação.

A terceira instância citada por Freud é o superego. Segundo Schultz e Schultz (2011) e Shirahige e Higa (2004), Freud denominou de superego o âmbito no qual os conceitos de certo e errado estão internalizados, ou seja, a base da moralidade da consciência reside no superego. O lado moral do ser humano é constituído, mais decisivamente, por volta dos cinco anos, a partir das experiências sociais, como a conduta dos pais com relação ao crescimento da criança, pois é por meio dos castigos, elogios e exemplos que a criança formulará quais comportamentos são corretos e quais são errados. Para as autoras, os comportamentos pelos quais a criança foi punida formam uma parte do superego. Outra parte diz respeito ao ideal do ego, que é composto por comportamentos bons/corretos, nos quais a criança foi elogiada.

Dessa forma, elas aprendem um conjunto de regras que são aceitas ou rejeitadas por seus pais. Com o tempo, introjetam (através da identificação) esses ensinamentos e as recompensas ou castigos tornam-se autoadministrados. O controle dos pais é substituído pelo autocontrole. Nós passamos a nos comportar, pelo menos em parte, de acordo com as diretrizes morais agora em grande parte inconscientes. Como resultado dessa introjeção, experimentamos culpa ou vergonha sempre que agimos (ou pensamos em agir) em desacordo com esse código moral. [...] O superego não busca prazer (como o id), nem a obtenção de metas realistas (como o ego), mas apenas a perfeição moral. O id pressiona pela satisfação, o ego tenta adiá-la e o superego coloca a moralidade acima de tudo. Como o id, o superego não admite compromisso com suas demandas. (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 49).

Dado o exposto, o superego é fator primordial no momento de julgar ações. Quando a criança começa a ter autocontrole sobre suas ações reconhecendo as consequências que podem permear seus atos, a consciência é instrumento principal nesse julgamento de certo e errado. O objetivo do superego não é somente adiar as demandas de busca de prazer do id, tal qual o ego faz, mas sim, interditar ações ou mesmo pensamentos. Como o superego representa mais o ideal do que o real, pende à princípios rígidos, caracterizando-se também como um componente social da personalidade. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004).

Bee (2003), relata que ao nascer, o ser humano é possui como instância psíquica dominante o id, apenas guiados pelos instintos básicos para sobrevivência; por volta do segundo ano de vida o ego começa a se desenvolver, a partir do momento em que a criança se diferencia do restante do mundo; posteriormente, o superego é desenvolvido, por meio da internalização de regras, costumes e valores da sociedade. Todo esse desenvolvimento se dá por meio de fases, fases essas, que são caracterizadas pela alocação preferencial da libido em diferentes regiões do corpo, mais estimuladas em idades específicas, sendo essas fases: oral, anal, fálica, latência e genital. Tais fases possuem características que refletem ao longo da vida do ser humano.

Como primeira etapa, temos a fase oral, que ocorre até os 18 meses de vida. Nela principal fonte de satisfação do bebê é a boca, na qual há o prazer de sugar, morder e engolir, sendo a boca um instrumento de sobrevivência e de gratificações que derivam das atividades orais.

O ato de chupar ou sugar, que aparece já no lactente e pode prosseguir até o fim do desenvolvimento ou se conservar por toda a vida, consiste na sucção, repetida de maneira rítmica, com a boca (os lábios), sem a finalidade da alimentação. São tomados como objeto da sucção uma parte do próprio lábio, a língua ou qualquer outro local da pele que esteja ao alcance - até mesmo o dedão do pé. (FREUD, 2016, p. 82).

Para Freud (2016), nessa fase da vida, o bebê possui uma forte ligação e dependência da mãe ou da pessoa que presta os cuidados para ele, sendo esse indivíduo, o objeto principal de sua libido, ou seja, em proposições mais familiares, o bebê está aprendendo a amar a mãe. A maneira como esse amor é vivenciado implica em grande parte em como será a percepção do mundo pelo bebê, correspondência essa, que se dá por meio de atitudes demandadas pelo id, sendo nessa troca o momento onde a criança construirá uma percepção inicial acerca do mundo: bom ou mal, seguro ou perigoso. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004; SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

No decorrer dessa fase, Schultz e Schultz (2011), relatam que há dois tipos de comportamento: comportamento oral incorporativo, referente ao ingerir, e comportamento oral agressivo ou sádico, referente ao morder ou cuspir. O primeiro comportamento acontece de maneira inicial, envolvendo a satisfação prazerosa da boca. Os autores citam como exemplo adultos que são fixados na fase oral incorporativa, ligando-se de forma extrema com atividades orais, sendo elas: comer,

beber, fumar, entre outras. Outro fato ocorre quando há uma dependência excessiva de algo durante a referida fase na infância, quando atendido de imediato, se estabelece uma dependência com relação ao outro, tendo sempre que ter o amparo de determinada coisa para se sentir confiante, classificando-se assim uma personalidade oral passiva.

O segundo comportamento, acontece durante o surgimento dos dentes, ganhando forma o prazer no ato de morder. Durante esse período, o bebê já experimenta o fato de que a mãe é a responsável pelas situações ocorridas em seu mundo, sendo elas boas ou ruins. (FREUD, 2016). Os adultos fixados nessa fase, tendem a ter um caráter mais pessimista, sarcástico, agressivo, sendo, no limite, até mesmo pessoas cruéis. A fase se encerra no momento do desmame, deslocando o foco da libido para outra parte do corpo da criança, que origina a próxima fase de desenvolvimento pela qual passará. (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

A segunda fase do desenvolvimento psicosssexual da criança, conforme Freud, é a fase anal, ocorrendo a partir dos 18 meses ao terceiro ano de vida da criança.

Nessa fase, o ânus constitui a zona privilegiada das tensões e gratificações sexuais. A sensação de prazer ou desprazer está associada à expulsão (defecação) ou à retenção das fezes. O prazer advém também da manipulação das mesmas. Nesse estágio aparece a oposição, presente na vida sexual, entre o ativo e o passivo, mas ainda não caracterizada, segundo Freud, pelo masculino e feminino. Na passagem da fase oral para a fase anal, a educação esfinteriana, ou seja, o controle da evacuação, tem papel relevante. Ao conseguir controlar seus esfínteres a criança tem a sensação de poder controlar também seus impulsos. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 28).

Por conta de o foco dessa fase estar voltado ao ânus e ao controle dos esfínteres, há o surgimento dos hábitos de higiene que demonstram uma eventual manifestação inicial da formação do superego, visando já a inserção da moral social do círculo social vivido. Schultz e Schultz (2011), escrevem que Freud acreditava que o ato de treinar para o uso do banheiro também trazia contribuições para o desenvolvimento da criança e de sua personalidade, o exemplo citado é o da defecação, pois a criança sente satisfação no momento de defecar, mas começa a aprender a controlar seus instintos, postergando seu momento de gratificação, pela regulação de horário e circunstância certas para realizar determinada tarefa.

Um dos treinamentos presentes nessa fase é sobre o uso do banheiro, iniciando a atitude de retenção. Ao ter essa atitude de retenção, a criança começa a ter noção que consegue manipular seus pais, pois, nesse processo, ela percebe que

consegue mais afeto e atenção dos mesmos, a depender de seu comportamento, o qual pode vir a ser a base para o desenvolvimento de uma personalidade anal retentiva. Uma pessoa teimosa e mesquinha é caracterizada por exacerbar essa característica, retendo e juntando coisas porque sentimentos de segurança decorrem do que é possuído e da maneira como determinados aspectos são mantidos na vida. Por essa razão, vê-se que as marcas características de cada estágio se mantêm, não desvanecendo por completo. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004; SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

A terceira fase da teoria psicosssexual de Freud é a fálica, que ocorre por volta dos cinco anos de vida da criança, período em que a principal zona erógena muda do ânus para os genitais. Shirahige e Higa (2004); Schultz e Schultz (2011), relatam que durante esse estágio as crianças demonstram um interesse com relação ao ato de explorar e manipular seus genitais, sendo o prazer contido nessa ação não relacionado a comportamentos, mas também a fantasias. O estágio fálico é considerado a última das fases pré-genitais, como mencionado pelos autores, sendo seus conflitos particulares mais complicados de se resolver.

Durante a fase fálica ocorre o surgimento de um conceito importante para compreender a teoria de Freud: o Complexo de Édipo. No seu livro *A interpretação dos sonhos*, Freud resume a teoria citada acima da seguinte maneira:

Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enjeitado quando criança porque um oráculo advertira Laio que a criança que ainda não nascera seria o assassino de seu pai. A criança foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto à sua origem, ele também interrogou o oráculo e foi advertido que evitasse o seu lar, visto que estava destinado a assassinar seu pai e receber a mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local que ele acreditava ser seu lar, encontrou-se com o Rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida, dirigiu-se a Tebas e resolveu o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão, os tebanos fizeram-no rei e lhe deram a mão de Jocasta em casamento. Ele reinou por muito tempo com paz e honra, e ela que, sem que ele soubesse, era sua mãe, lhe deu dois filhos e duas filhas. Foi quando, então, irrompeu uma peste e os tebanos interrogaram mais uma vez o oráculo. É neste ponto que tem início a tragédia de Sófocles. Os mensageiros trazem de volta a resposta de que a peste cessará quando o assassino de Laio tiver sido expulso do país. Mas ele, onde está ele? Como encontrar agora os vestígios desse crime tão antigo? A ação da peça consiste em nada mais do que o processo de revelar, com pausas engenhosas e sensação sempre crescente - um processo que pode ser comparado ao trabalho de uma psicanálise que o próprio Édipo é o assassino de Laio, mais ainda, que ele é o filho do homem assassinado e de Jocasta. Apavorado com a abominação que ele inadvertidamente perpetrara, Édipo cega-se a si próprio e abandona seu lar. A predição do oráculo foi cumprida. (FREUD, 1969, p. 277).

Freud (2016), no livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, relata que o complexo citado acima é nuclear na neurose, culminando nele a sexualidade infantil. Para Schultz e Schultz (2011), o complexo de Édipo atua de maneira diferente nas meninas e nos meninos, pois para o menino, a mãe se torna o objeto de amor dele, vendo o pai como um obstáculo no seu caminho devido ao relacionamento especial que o pai tem com a mãe, despertando um ciúme por não fazer parte dessa conexão do casal e, com as meninas, ocorre o contrário, o pai é seu objeto de amor e a mãe é vista como obstáculo.

O quarto período descrito por Freud é o período de latência, o qual acontece dos cinco anos de idade até a puberdade, após as situações complexas dos estágios anteriores do desenvolvimento psicosssexual que são fundamentais na formação da personalidade. O id, o ego e o superego se formaram até os cinco anos de idade e as relações entre essas instâncias são constituídas. Tendo o superego mais desenvolvido devido a convivência com outras pessoas além dos pais, traz contribuições para a construção de valores, tornando a criança mais tolerante e flexível as diversas situações que podem vir a acontecer.

No decorrer desse período, há um mecanismo de defesa do ego denominado sublimação que, de acordo com Shirahige e Higa (2004), esse termo caracteriza o mecanismo de defesa pelo qual são desviados alguns impulsos inconscientes de seus objetos primitivos para meios úteis socialmente e se integram à personalidade. Freud (2016) relata que esse processo se situa no início do referido período, sendo é de extrema relevância para a adaptação social do indivíduo, pois permite o ajustamento social sem inibir o desenvolvimento pessoal do mesmo, colaborando para alcançar todas as realizações culturais as quais o permeiam. Por conta disso, os próximos anos até chegar à puberdade são mais tranquilos, não significando que nesse período não haja dificuldades, mas que durante essa fase, não surgem novos problemas básicos nas relações próximas. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004; SCHULTZ; SCHULTZ 2011)

A última fase do desenvolvimento psicosssexual é a genital, a qual começa na puberdade segue pela vida adulta. Conforme destacado por Shirahige e Higa (2004) e Schultz e Schultz (2011), o corpo segue amadurecendo fisiologicamente na vida adulta, entretanto tende a ter evoluções mais tranquilas e conflitos corporais não tão intensos quanto nos estágios anteriores. Freud (2016) comenta que frente às intensas modificações e novidades surgidas na adolescência, o sujeito precisa se adaptar ao

mundo no qual está inserido, bem como à sua nova autopercepção, isso no interior de uma sociedade já estabelecida e repleta de normas, regras e condutas, distintas entre certo e errado. Verifica-se com isso, por parte do adolescente, uma busca maior pelo seu espaço, pela aceitação e por situações que encaminham para a busca de novas modalidades de relacionamentos.

Schultz e Schultz (2011) registram que Freud ressaltou a importância dos anos iniciais de vida para o desenvolvimento da personalidade, sendo os cinco primeiros anos cruciais nesse processo. “Quanto ao desenvolvimento da personalidade, Freud o vincula a quatro fontes principais de tensão: processo de crescimento fisiológico, frustrações, conflitos e perigos”. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p.35). Segundo as autoras, Freud deu menos importância para as fases finais do desenvolvimento psicosexual, não estando preocupados com a fase adulta do desenvolvimento da personalidade, pois, para ele, o que se é quando adulto é resultado de tudo o que já foi vivido até então, o que conformou a estrutura da personalidade expressa no comportamento adulto.

Ao olhar para os aspectos até o presente momento, vê-se como a psicanálise traz à tona elementos marcantes durante a formação da personalidade do indivíduo e sua permanência ao longo dos anos, dado o exposto, no atinente ao método psicanalítico, verifica-se duas funções intrínsecas, sendo:

[...] um método de empreendimento hipocrático que visa libertar os adultos (doentes ou candidatos a formação) das ansiedades opressivas e repressivas da infância e da sua influência na vida e personalidade já vivida; e, ao mesmo tempo ser um método didático e de investigação que revela de forma única algumas fixações do ser humano sobre desenvolvimentos passados em filogenia, bem como em ontogenia. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 87, tradução nossa).¹.

Ou seja, o ser humano tem uma necessidade de se ver e compreender como sujeito histórico e formador de história, sentindo-se pertencente ao meio social vivido, percebendo acontecimentos que refletirão no alcance da vida adulta, vendo que seu futuro será baseado em tudo o que foi experienciado e significativo em sua vida de

¹[...] it is a Hippocratic undertaking that aims at freeing adults (whether patients or candidates for training) from the oppressive and repressive anxieties of childhood and from their influence on life and personality as already lived; and at the same time it is a didactic as well as a research method that uniquely reveals some of man's fixations on past developments in phylogeny as well as in ontogeny. In this connection it is interesting to note that a striving for an all-human adulthood was part of last century's ethos (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.87).

algum modo, seja de maneira negativa ou positiva. Rodrigues e Melchiori (2018) explicam que a relação que ocorre entre o ser humano e o ambiente é única, artefato desse, que faz com os seres humanos sejam parecidos e, ao mesmo tempo, diferentes. Erikson e Erikson (1998) relatam que essa preocupação com o que virá a ser no futuro, olhando para as ações do passado, farão o sujeito agir de uma maneira melhor dentro de uma sociedade, de forma consciente e significativa para o círculo social no qual se estará inserido.

Para Erikson e Erikson (1998), uma teoria psicanalítica se inicia com a suposição de forças instintivas abrangentes que se findam na busca de um tipo de aceitação/amor dentro do grupo e/ou ambiente no qual se vive, mas também, demonstra o quanto foi negligenciado um outro fator de vida unificador que são os símbolos, os quais dominam toda uma estrutura cognitiva por estar presente em variados momentos e lugares. Porém, é preciso ter cautela aos estímulos lançados por essas tecnologias, pois muitas das vezes, essa visão estipula maneiras e condutas, gerando um determinado modelo a ser seguido. Tal cuidado em estipular uma determinada conduta pode comprometer a subjetividade assegurada pela atividade psicanalítica, pelo atributo que a mesma propicia que a subjetividade seja submetida a uma nova experiência.

No que diz respeito à relatividade da teoria psicanalítica, Erikson e Erikson (1998), apontam que todas as mudanças e avanços nas ciências naturais têm implicações cognitivas e éticas, modificando a imagem do mundo que rodeia o sujeito, de uma forma como se criassem inúmeros sentidos sobre o “eu”, mostrando assim, como a mente humana é adaptável. Essa concepção traz à tona sobre os diferentes pontos de vistas do ser humano em relação uma determinada situação, formando uma opinião/entendimento diferente a cada pessoa que analisa essa situação.

Sobre o processo psicanalítico Erikson e Erikson também destacam que:

[...] pode ser revisto em termos que retratam as mentes do psicanalista e do paciente no trabalho como dois "sistemas de coordenadas" movendo-se relativamente um para o outro. O aparente repouso e impessoalidade do encontro psicanalítico realmente permitem e intensificam no paciente uma "flutuação livre" de "associações" que podem se mover com velocidade variável através do passado distante, ou do presente imediato, para o temido ou desejado futuro, e, ao mesmo tempo, nas esferas da experiência concreta, da fantasia e da vida de sonho. O paciente sofre de sintomas que trazem alguma parada no presente e, no entanto, relacionados à fixação de desenvolvimento em uma ou mais das patologias centrais características das

fases iniciais da vida. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 89- 90, tradução nossa).²

Sendo assim, a livre associação pode ser prevista para conduzir o analisando a lembrar e reviver conflitos passados, intrínsecos aos estágios de desenvolvimento anteriores, tendo claro que o resultado desse movimento só se tornará realmente exitoso se o sujeito falar de suas fantasias e explicações encontradas em cada etapa, ao seu psicanalista, pois só o profissional conseguirá colaborar para a descoberta do que o paciente está procurando ou que nem sabia que precisa procurar para entender.

Pensando em como ocorre a relação do psicanalista com o paciente por meio das conversas que auxiliam no que está sendo procurado a entender, há detalhes que são pertinentes se compreender em todo processo da psicanálise:

[...] ao mesmo tempo em que se movem em seus respectivos ciclos de vida, relativos às diferentes tendências sociais e históricas, os pensamentos interpretativos do praticante também se movem com as conceitualizações passadas e atuais da psicanálise: incluindo, é claro, a própria posição "geracional" do analista entre sua própria análise de treinamento e outras personalidades e escolas de treinamento influentes; assim como suas próprias ruminções intelectuais, intrinsecamente relacionadas como são com desenvolvimento como trabalhador e como pessoa (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 90, tradução nossa).³

Ou seja, o psicanalista, mesmo sendo profissional, traz consigo suas interpretações, opiniões e análises próprias de acordo com o que já foi vivido, experiências essas, que auxiliarão nesse processo de conhecimento do paciente, pois atrelado à formação, as vivências ajudarão na construção do sentido que será empregado nas sessões, concomitantemente, ao lado humano atrelado ao

² [...] can be reviewed in terms that picture the psychoanalyst's and the patient's minds at work as two "coordinate systems" moving relatively to each other. The seeming repose and impersonality of the psychoanalytic encounter actually permit na intensify in the patient a "free floating" of "associations" that can mov about with varying speed through the distant past, or the immediate present, to the feared or wished-for future, and, at the same time, in the spheres o concrete experience, fantasy, and dream life. The patient suffers from symptoms betraying some arrest in the present and yet related to developmental fixations on one or more of the core pathologies characteristic of earlier stages of life. Free association, therefore, can be expected to induce the analysand to remember and to relive, if often in symbolically disguised form, conflicts intrinsic to previous stages and states of development. Their whole significance, however, often does not become clear until the patient reveals in his fantasies and thoughts a "transference" on the psychoanalyst's person of some of the revived and more or less irrational images and affects of earlier and earliest life periods. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 89-90).

³ [...] while thus moving about in their respective life cycles, relative as they both are to different social and historical trends, the practitioner's interpretive thoughts are also moving with the past and current conceptualizations of psychoanalysis: including, of course, the analyst's own "generational" position between his or her own training analysis and other influential training personalities and schools; as well as his or her own intellectual ruminations, intrinsically related as they are to one's development as a worker and as a person. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.90).

profissional. Um fato curioso sobre a situação psicanalítica, citado por Erikson (1968) a diferença entre o trabalho com adultos e com crianças, pois as crianças, por possuírem uma imaturidade da personalidade, possuem dificuldade para realizar uma introspecção sistemática, pois acabam se distraindo facilmente, querendo interagir, brincar e não conseguem concluir as transferências necessárias para tal processo.

Durante o processo da psicanálise, entre o paciente e o psicanalista, há o fenômeno denominado transferência, que rege todo o desenvolvimento dessa prática. Com relação aos adultos, Erikson e Erikson (1998), explicam que os processos transferenciais devem ser avaliados pelo tratamento clássico, tratamento esse, que para acontecer de maneira exitosa, necessita de uma combinação específica de fatores que precisam estar presentes no momento em que ocorrem as transferências.

Erikson e Erikson (1998) relatam que existem diferentes maneiras pelas quais ocorrem os processos de transferências, sempre envolvendo o analista nas situações descritas pelo paciente, priorizando o diálogo esclarecedor e verdadeiro entre as duas partes. Pensar na psicanálise é olhar para a história do indivíduo, pois somente ela, a história, que colabora para o entendimento do próprio sujeito sobre si mesmo e as diversas implicações do passado no momento presente.

Por meio do exposto nesse capítulo, percebe-se a maneira como os conhecimentos citados acima dialogam-se entre si e se complementam idealizando uma compreensão sobre o desenvolvimento humano, levando em consideração aspectos relevantes para a vida do indivíduo, ressaltando sua trajetória histórica e de momentos vividos que trazem experiências significativas para a vida do mesmo, reforçando a formação da pessoa na qual se tornou e se transforma todos os dias.

CAPÍTULO 2

CONCEITOS ELEMENTARES DA TEORIA PSICOSSOCIAL DE ERIK ERIKSON

Para se compreender de maneira efetiva as bases da teoria psicossocial do desenvolvimento por Erikson, alguns conceitos precisam ser esclarecidos, sendo eles relativos aos aspectos pré-genitais e aos modos posturais. Conceitos esses que serão de extrema importância ao longo deste trabalho. Na teoria psicossocial de Erik Erikson, a interação com o meio e a maneira como internalizamos experiências vividas são aspectos fundamentais, com destaque para o modo como essas interações com o externo, refletem em condutas, opiniões, comportamentos, embasamentos morais que se constroem por meio da troca presente entre os pares.

Visto que o ser humano busca aceitação na sociedade na qual convive, faz-se necessário a abordagem de dois conceitos denominados: ritualização e ritualismo, os quais serão explicados adiante no texto. É importante perceber, no interior da teoria de Erikson, que o comportamento do ser humano é ligado a exemplos, e que, o mesmo comportamento, também se tornará um exemplo para um novo indivíduo, que adentra a um determinado grupo social. Para o autor, o ser humano se constrói dia após dia, refletindo momentos significativos por ele internalizados.

2.1. MODOS DOS ÓRGÃOS E MODALIDADES POSTURAI E SOCIAIS

2.1.1. Modos pré-genitais

Ao se falar do desenvolvimento psicossocial não se pode esquecer da sua ligação com o psicosssexual, sendo os modos de órgãos dominantes das zonas psicosssexuais do corpo humano.

Estes modos de órgão: são incorporação, retenção, eliminação, intrusão e inclusão; e enquanto várias visões e teorias podem servir uma série de modos, a teoria da pré-genitalidade sustenta que cada uma das zonas libidinais durante a "sua" fase é dominada de forma agradável e propositadamente através de uma configuração primária do modo de funcionamento. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.36-37, tradução nossa).⁴

⁴ These organ modes are incorporation, retention, elimination, intrusion, and inclusion; and while various apertures can serve a number of modes, the theory of pregenitality maintains that each of the libidinal zones during "its" stage is dominated both pleasurably and purposefully by a primary mode-configuration of functioning (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 36-37).

Um exemplo que pode ser citado é o da boca, pois ela incorpora um determinado objeto ou comida, ou seja, a criança introduz determinada coisa na boca e pode retirar ou apenas fechar a boca e manter o que foi colocado dentro. Assim, como mencionam Erikson e Erikson (1998), o exemplo do ânus e da uretra, que possuem os comandos de reter e eliminar, compreendendo sobre interações básicas em relação ao organismo e suas partes e, também, a interação com o mundo das coisas.

As zonas e seus modos, portanto, são o foco de algumas das principais preocupações de qualquer sistema de integração das crianças de qualquer cultura, mesmo que permaneçam, em seu desenvolvimento futuro, centrais para a cultura "estilo de vida". Ao mesmo tempo, sua primeira experiência na infância é, de curso, significativamente relacionada com as mudanças posturais e modalidades que são tão básicos para um organismo destinado a ser erguido - da prontidão à engatinhando; de sentado e de pé a andar e correr - com todos os seus resultando em mudanças de perspectiva (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.37, tradução nossa).⁵

A preocupação de se treinar o uso dos modos, como apontado acima, é voltada para a criança conviver em sociedade, são ensinadas condutas e posturas que são comuns de se ver nos seres humanos no meio social. Tendo como intenção um treinamento intensivo sobre atitudes esperadas e normalizadas na sociedade como um todo. Ao considerar essa preparação da criança para viver em sociedade, nota-se que em algumas etapas do desenvolvimento, possuem características marcantes em relação aos modos.

Na etapa oral-sensorial, há a presença de dois modos de incorporação. Erikson (1977) apresenta como: obter meios no início para receber e aceitar o que é dado; e há, de curso, um significado verdadeiramente fundamental na similaridade entre os modos de respiração e de sucção. Sobre a sucção, Erikson e Erikson (1998, p. 38, tradução nossa) escrevem que:

O modo "sugador" é o primeiro modo social aprendido na vida, e é aprendido em relação à pessoa maternal, o "outro primordial" do primeiro espelhamento narcisista e do apego amoroso. Assim, em obter o que é dado, e em aprender a ter alguém para dar o que é desejado, a criança também desenvolve os fundamentos necessários para a adaptação para algum dia, ser um doador.

⁵ The zones and their modes, therefore, are the focus of some prime concerns of any culture's child-training systems, even as they remain, in their further development, central to the culture's "way of life." At the same time, their first experience in childhood is, of course, significantly related to the postural changes and modalities that are so basic to an organism destined to be upright—from proneness to crawling; from sitting and standing to walking and running—with all their resulting changes in perspective (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.37).

Mas então, os dentes se desenvolvem e com eles o prazer de morder as coisas, de morder através delas, e de morder pedaços delas. Este modo mais ativo-incorporativo, no entanto, também caracteriza o desenvolvimento de outros órgãos.⁶

É necessário compreender que a etapa oral-sensorial ocorre nos primeiros anos de vida da criança, tendo seu desenvolvimento corporal ligado ao contato com seu exterior, principalmente no que diz respeito à relação estabelecida com a mãe. Durante esse período, os olhos, os ouvidos e os movimentos de soltar e segurar começam a ter uma precisão maior, mais focada, uma evolução crescente com o passar dos dias, ações essas, que segundo Erikson e Erikson (1998), não se tratam de apenas um treinamento sobre o desenvolvimento, mas sim, de uma assimilação mútua do somático, padrões sociais e mentais.

Sobre os movimentos de segurar e soltar, Erikson e Erikson (1998, p. 38-39, tradução nossa) explicam que:

[...] algumas culturas - e provavelmente aquelas onde a possessividade é central para o ethos cultural - tenderão a destacar os modos retentivos e eliminadores que dominam normativamente o estágio anal-muscular e podem fazer um campo de batalha acerca dessas zonas. Em seu desenvolvimento posterior, modos como o ousar/fazer diferente podem se transformar em uma retenção ou contenção destrutiva e cruel, ou podem suportar um padrão de cuidado, de ter e de inovar.⁷

O modo intrusivo presente na etapa infanto-genital, se caracteriza como:

[...] uma variedade de atividades "semelhantes" em termos de configuração: a intrusão no espaço por locomoção vigorosa; noutros corpos por ataque físico; nos ouvidos e mentes de outras pessoas por sons agressivos; e no desconhecido por curiosidade consumidora. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 39, tradução nossa).⁸

⁶ The "sucking" mode is the first social modality learned in life, and is learned in relation to the maternal person, the "primal other" of first narcissistic mirroring and of loving attachment. Thus, in getting what is given, and in learning to get somebody to give what is wished for, the infant also develops the necessary adaptive groundwork to, some day, get to be a giver. But then, the teeth develop and with them the pleasure in biting on things, in biting through them, and in biting bits off them. This more active-incorporative mode, however, also characterizes the development of other organs. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 38).

⁷ [...] some cultures — and probably those where possessiveness is central to the cultural ethos—will tend to underscore the retentive and eliminative modes normatively dominating the anal-muscular stage and may make a battleground of these zones. In their further development, such modes as to bold can turn into a destructive and cruel retaining or restraining, or they can support a pattern of care, to have and to bold. (ERIKSON, 1998, p. 38-39).

⁸ [...] a variety of configurationally "similar" activities: the intrusion into space by vigorous locomotion; into other bodies by physical attack; into other people's ears and minds by aggressive sounds; and into the unknown by consuming curiosity. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 39).

Juntamente a esse modo intrusivo, o modo inclusivo pode se expressar, segundo Erik Erikson (1977), numa alteração de tal comportamento agressivo com uma receptividade silenciosa, para a formação de relações ternas e protetoras com seus pares. A fase mencionada, se encontra na fase fálica freudiana, mas Erikson prefere chamar de infanto-genital, considerada dominante em ambos os sexos por combinações de modos e modalidades intrusivas e inclusivas. Erikson e Erikson (1998, p. 39, tradução nossa) defendem que:

[...] no nível infantil-genital - e esta parece ser uma das "razões" (evolutivas) para o período de latência - uma certa disposição bissexual deve ser assumida em ambos os sexos, enquanto que uma diferenciação completa dos modos genitais de intrusão masculina e inclusão feminina deve esperar pela puberdade.⁹

Inclusive, é relatado que em relação aos órgãos genitais, as meninas sentem inveja do órgão masculino por ele ser externalizado, diferentemente do órgão genital feminino. E, pensando que não se trata apenas dos modos de órgãos, mas também das modalidades sociais de intrusão e inclusão como características fundamentais no desenvolvimento do ser humano, tanto das meninas quanto dos meninos, portanto exigem uma ênfase teórica diferente em relação ao desenvolvimento das mulheres.

Erikson (1977) afirma que há uma propensão bissexual para o uso alternativo de ambos os órgãos intrusivos e modos inclusivos, permitindo uma variação cultural e pessoal na exibição da distinção de gênero, sem excluir as mudanças que ainda ocorrerão na puberdade. Uma consideração sobre o destino final das zonas genitais, modos e modalidades auxiliam a esclarecer certas modalidades universais femininas e masculinas, alguns problemas que podem ser compreendidos pela complexidade do desenvolvimento da exploração tradicional das diferenças sexuais.

É inegável a existência de uma afinidade entre os modos inclusivo e incorporativo. Erikson (1998) traz uma diferenciação dessa afinidade tanto no âmbito feminino quanto no masculino. No âmbito feminino, em algumas culturas, a mulher é vista como alguém que sempre espera, é esperada ou está esperando algo - ligado à

⁹ [...] an infantile-genital stage, and to consider it dominated in both sexes by combinations of intrusive and inclusive modes and modalities. For at the infantile-genital level — and this seems to be one of the (evolutionary) “reasons” for the latency period — a certain bisexual disposition must be assumed in both sexes, while a full differentiation of the genital modes of male intrusion and female inclusion must wait for puberty. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 39).

gestação -, ligada à cuidados de outrem. Por sua vez, no âmbito masculino é o contrário, o ser humano é ligado a dependência que ele tem, seja da mãe ou da mulher. Sendo os dois lados opostos, há uma discussão e comparação que pode ser feita toda vez que se vê o assunto, e a luz das experiências sociais atuais, espera-se que seja possível a construção de uma ética sexual entre ambos os sexos, a fim de uma discussão efetiva sobre essas definições apresentadas culturalmente nas sociedades humanas.

2.1.2. Modalidades posturais e sociais

Após a discussão sobre como ocorrem as fases dos modos dos órgãos, faz-se necessário relacionar essa questão com as modalidades de existência social, sendo importante ressaltar sua importância no desenvolvimento psicossocial abordando as facetas do âmbito sensorial, muscular e locomotor da criança, expandindo a experiência de espaço-tempo e a interação social significativa.

Erikson e Erikson (1998), explicam como a psicanálise, em consonância com o desenvolvimento psicossocial e psicosexual, determinam algumas perspectivas básicas na existência do ser humano no espaço-tempo no qual vive. Para exemplificar, tratando o bebê recém-nascido, Erikson e Erikson (1998, p. 41-42, tradução nossa), explicam que:

O recém-nascido, reclinado, está gradualmente olhando para cima e procurando o rosto inclinado e responsivo da mãe. A psicopatologia ensina que este desenvolvimento da relação olho a olho (J. Erikson, 1966) é um "diálogo" essencial para o desenvolvimento psíquico e, de fato, para a sobrevivência de todo o ser humano como é o boca-seio para seu sustento. O tal contato é estabelecido, o ser humano sempre procurará alguém para olhar e tudo através da vida se sentirá confirmado por encontros "edificantes".¹⁰

Assim, um diálogo lúdico que, ao mesmo tempo, é planejado, permeia os primeiros encontros interpessoais, tendo como características o rosto, o som, os olhares, os quais se tornam elementos fundamentais de reconhecimento do outro e pelo outro. São nesses primeiros contatos com outro ser humano, que as demais

¹⁰ The newborn, recumbent, is gradually looking up and searching the inclined and responsive face of the motherly person. Psychopathology teaches that this developing eye-to-eye relationship (J. Erikson, 1966) is a "dialogue" as essential for the psychic development and, indeed, survival of the whole human being as is the mouth-to-breast one for its sustenance. But where such contact is established, the human being will thereafter always look for somebody to look up to and all through life will feel confirmed by "uplifting" encounters. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 41-42).

relações ao longo da vida serão estabelecidas com caráter importante e singular para o sujeito, significando as relações estreitadas com pessoas que lhes apresentem segurança e confiança no momento da troca.

Pensando em como o desenvolvimento é cercado por mudanças significativas, o bebê, que antes possuía uma dependência integral do adulto, ao se levantar e começar a andar, passa a ter novas aquisições nesse processo, uma delas é a sua capacidade de se sustentar em pé. Em relação ao andar do bebê:

Para o indivíduo que se coloca em pé, a cabeça (a princípio um pouco trêmula) está no topo, os olhos na frente. Nossa visão estereoscópica nos faz assim "enfrentar" o que está à frente e na frente. O que está atrás também está atrás; e há outras combinações significativas: à frente e acima; à frente e abaixo; atrás e acima; e atrás e abaixo; todas elas recebem em diferentes idiomas conotações fortes e variadas. O que está à frente e acima pode me guiar como uma luz, e o que está abaixo e à frente pode me fazer tropeçar, como uma cobra. Quem ou o que está atrás não é visível, embora possa me ver; portanto, a vergonha está relacionada não apenas à consciência de estar exposto na frente, mas também de ter um "atrás" - e especialmente um "atrás" invisível. Aqueles que estão "atrás de mim" caem assim em categorias tão contraditórias como aqueles que estão "me apoiando" e me guiando para a frente; ou aqueles que estão me observando quando eu não sei, e aqueles que estão "atrás de mim", tentando "me pegar". Por baixo e por trás estão aquelas coisas e pessoas que eu simplesmente posso ter superado, ou aquelas que eu quero deixar para trás, esquecer, descartar (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 42-43, tradução nossa).¹¹

Na descrição acima feita por Erikson e Erikson, nota-se um ser experiente, como consciente do que está acontecendo e das ações que está tomando. De fato, a cada passo do desenvolvimento, o sujeito está recebendo uma confirmação experiencial e linguística que não só valida o ego, mas também, o seu "eu" consciente, o qual é centro constante da autoconsciência. Em relação ao exposto, Erikson e Erikson (1998) dizem que a lógica postural é uma das principais garantias para a criança em crescimento, sendo sua maneira singular de dominar a experiência vivida, além de ser uma variante positiva e bem sucedida de uma identidade de grupo.

¹¹ For the creature who stands upright, the (at first a bit wobbly) head is on top, the eyes in front. Our stereoscopic vision thus makes us "face" what is ahead and in front. What is behind is also in back; and there are other significant combinations: ahead and above; ahead and below; behind and above; and behind and below; all of which receive in different languages strong and varied connotations. What is ahead and above can guide me like a light, and what is below and in front can trip me up, like a snake. Who or what is in the back is not visible, although it can see me; wherefore shame is related not only to the consciousness of being exposed in front, when upright, but also of having a back—and especially a "behind." Those who are "behind me" thus fall into such contradictory categories as those who are "backing me up" and guiding me in going ahead; or those who are watching me when I do not know it, and those who are "after me," trying to "get me." Below and behind are those things and people whom I simply may have outgrown, or those that I want to leave behind, forget, discard. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 42-43).

Uma criança, finalmente, que acaba de alcançar a capacidade de caminhar parece não só dirigida a repetir e aperfeiçoar o ato de caminhar com um toque de impulsão e um ar de maestria, mas também logo estará inclinada, de acordo com a intrusividade da fase infanto-genital, a uma variedade de invasões na esfera dos outros (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 43, tradução nossa).¹²

O desenvolvimento do andar da criança desperta nela mesma um sentimento de independência, vista pelas pessoas de seu convívio, como motivo de orgulho pelo processo já passado, bem como, um orgulho dele mesmo, contribuindo para a construção da autoestima da criança, já a confirmando ser parte de um todo, adquirindo sua identidade psicossocial.

Para explicar sobre a estrutura interna emergente na criança, Erikson e Erikson (1998, p. 44, tradução nossa) escrevem que:

[...] deve estar relacionada e permanecem relacionadas ao "mundo exterior" cultural, a psicanálise tem enfatizado as formas pelas quais, durante a infância, as proibições dos pais são internalizadas para fazer parte do superego, ou seja, um interior, uma voz superior à sua que faz de você uma "mente"; ou um ego ideal que faz você olhar ansiosa ou orgulhosamente para seu eu superior e o ajuda mais tarde para encontrar e confiar em mentores e "grandes" líderes.¹³

Compreender que os fatores externos refletem no desenvolvimento da criança, assim como citado acima, é de extrema importância para que sejam entendidas as ações que poderão vir a acontecer no futuro, enfatizando a importância de as primeiras fases do desenvolvimento infantil acontecerem de maneira positiva, com contribuições para uma boa formação de si.

Em relação à estrutura interna emergente da criança, Erikson e Erikson (1998) explicam que deve estar associada e se mantém conexa ao "mundo exterior" cultural, a psicanálise tem ressaltado as maneiras pelas quais, no decorrer da infância, as proibições e prescrições dos pais - num sentido de direcionamento - são internalizadas

¹² A child, finally, who has just achieved the ability to walk seems not only driven to repeat and to perfect the act of walking with a flair of drivenness and an air of mastery, but will also soon be inclined, in line with the intrusiveness of the infantile-genital stage, to a variety of invasions into the sphere of others (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 43).

¹³ [...] must be related and remain related to the cultural "outerworld," psychoanalysis has emphasized the ways in which, during childhood, the parents' prohibitions and prescriptions are internalized to become part of the superego; that is, an inner, higher-than-thou voice that makes you "mind"; or an ego ideal that makes you anxiously or proudly look up to your higher self and helps you later to find and trust mentors and "great" leaders. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 44).

para fazer parte do superego, ou seja, no seu interior, uma voz superior à sua que faz de você uma “mente pensante”, que colabora para a tomada de decisões, comportamentos e condutas, ou ainda, um ideal de ego que o faz criar exemplos de pessoas e ações a seguir.

2.2. RITUALIZAÇÃO E RITUALISMO

Ao se falar da influência do meio externo nas crises que o ego sofre no decorrer da vida, é indispensável falar sobre a ritualização e o ritualismo, para uma maior compreensão sobre o desenvolvimento psicossocial e seus estágios, que serão neste trabalho explicados posteriormente. Erikson e Erikson (1998) se referindo ao termo de ritualização, explica que essa terminologia é utilizada somente para certos tipos de interação informal e, ainda sim, estabelecida com as interações que se repetem em intervalos significativos e em contextos recorrentes.

Ainda que tal interação possa não significar muito além de uma regra como “é assim que fazemos as coisas”, ela possui, um valor adaptativo para todos os integrantes e para a vida em grupo. Esse acontecimento ocorre porque ela - a ritualização - promove e orienta desde o começo da existência, aquele empenho instintivo no processo social de adaptação humana. Um exemplo citado pelo referido autor é sobre a ritualização no contexto do sono humano que, no momento em que a mãe coloca seu filho para dormir, verifica-se uma experiência altamente individualizada, pela sintonia singular da figura materna com o filho e, ao mesmo tempo, pessoas externas àquele momento, sabem exatamente o que está acontecendo por ser um ato conhecido por todos devido às suas características.

Como uma primeira ritualização humana, Erikson e Erikson (1998, p. 45, tradução nossa) relata:

A mãe em seu estado pós-parto também é demandada de uma maneira complexa; para qualquer gratificação instintiva que ela possa buscar em ser mãe, ela também precisa se tornar uma mãe de um tipo especial e de uma maneira especial. Esta primeira ritualização humana, então, enquanto cumpre uma série de usos e deveres, apoia aquela necessidade conjunta, já discutida, de um reconhecimento mútuo, pelo rosto e pelo nome.¹⁴

¹⁴ The mother in her postpartum state is also needful in a complex manner; for whatever instinctual gratification she may seek in being a mother, she also needs to become a mother of a special kind and in a special way. This first human ritualization, then, while fulfilling a series of uses and duties, supports that joint need, already discussed, for a mutuality of recognition, by face and by name. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.45).

Nota-se, assim, a relevância das primeiras relações interpessoais da criança após o nascimento e o círculo que será de convívio dela, portanto, mesmo que o olhar da discussão até então esteja voltado à mãe e à criança, faz-se necessário também ressaltar sobre a relação do bebê com o pai ou outras figuras que desempenhem funções maternas, as quais fortalecerão sua relação com o outro.

Compreendendo um pouco mais sobre a ritualização, as ações presentes no cotidiano se “naturalizam” por meio das repetições dos acontecimentos na vida da criança, não sendo algo forjado ou forçado, mas sim, uma caracterização do que ocorre no entorno e seus significados. Erikson e Erikson (1998) colocam que, essa mobilização de condutas não é imposta, mas que acontecem por meio do convívio diário, como se fossem “reuniões” significativas todos os dias, reforçando as características comportamentais do grupo no qual o sujeito está inserido.

De qualquer modo, o aspecto psicossocial da matéria é auxiliado pela capacidade psicossocial de confrontar a existência do outro, tal qual de compreender a si mesmo como um eu separado, à luz do outro. Em contrapartida, Erikson e Erikson (1998) dizem que se esse vínculo da criança e da mãe - ou figura materna/pai – não for bem estabelecido, pode ocorrer um ritualismo privado caracterizado pela falta do contato visual e resposta facial, então a criança, terá uma repetição interminável e sem significado dos gestos estereotipados, ou seja, ela reproduzirá um comportamento que julga normal, mas apenas porque todos fazem, não por ter experienciado o referido contato. Rodrigues e Melchiori (2018), relatam a importância dos ambientes familiares para a construção de autoestima e confiança própria, pois são os familiares que estabelecem o primeiro contato com o mundo exterior, portanto, a base desenvolvida em casa, será pertinente para as demais fases futuras.

Sobre os termos ritualização e ritualismo, Erikson e Erikson (1998, p. 46) registram: “[...] uma justificativa adicional para aplicar os termos ritualização e ritualismo a tais fenômenos é, de fato, uma correspondência entre as ritualizações cotidianas e os grandes rituais da cultura em que elas ocorrem”.¹⁵ Essa explicação, torna plausível a explanação sobre as ritualizações estarem presentes em cada estágio da vida, sendo elas, correspondentes a uma das principais instituições na

¹⁵ [...] one additional justification for applying the terms ritualization and ritualisms to such phenomena is, in fact, a correspondence between everyday ritualizations and the grand rituals of the culture in which they take place. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 46).

estrutura da sociedade e seus rituais. A polaridade do “eu” e “outro” é básica para as necessidades rituais e estéticas de um ser humano, para compreender de maneira mais clara, faz-se necessário entender sobre uma qualidade chamada numinosa: “a aura de uma presença santificada”. A religião é um exemplo de algo numinoso, pois dentro dela há um conjunto de normas, condutas, crenças e significados que colaboram para que o “eu” se encontre nesse meio e que tome posse de princípios no quais pode basear sua vida.

Erikson e Erikson (1998, p. 46-47, tradução nossa) também explicam que:

[...] toda ritualização básica também está relacionada a uma forma de ritualismo, como nós chamamos padrões de comportamento ritualístico marcados por repetição estereotipada e fingimentos ilusórios que anulam o integrador valor da organização comunitária. Assim, a necessidade do numinoso sob determinadas condições degenera facilmente em idolatria, uma forma visual de vício que, de fato, pode se tornar um sistema ilusório coletivo mais perigoso.¹⁶

Ou seja, quando se tem uma visão errônea e exagerada do numinoso, com o sujeito – utilizando ainda o exemplo da religião citado acima – se baseando cegamente nos rituais apresentados, sem que haja a compreensão da intencionalidade, o ritualismo ocorre de uma maneira forçada e vazia.

Para caracterizar brevemente as ritualizações primárias presentes na segunda e terceira etapas, anal-muscular e genital-locomotora infantil, respectivamente, Erikson e Erikson (1998) relatam que há o surgimento da questão de como o prazer voluntário de aderir às funções do sistema muscular, pode ser guiado por adultos que apresentam os padrões de comportamentos adequados aos costumes culturais, que deverão se tornar a vontade da criança por estar inserida no meio convivido. Nas ritualizações infantis, os cuidados, precauções e condutas eram de responsabilidade dos pais, mas nessas etapas, a própria criança deve ser treinada para “vigiar-se” em relação ao que é possível e/ou permitido e o que não é. Pensando em conter os comportamentos “inapropriados” do meio social habitado, os pais e as pessoas mais velhos que possuem contato com a criança, criam modelos de como ela seria se obedecesse ou não obedecesse às regras, criando assim, duas imagens para a

¹⁶ [...] every basic ritualization is also related to a form of ritualism, as we call ritual-like behavior patterns marked by stereotyped repetition and illusory pretenses that obliterate the integrative value of communal organization. Thus, the need for the numinous under given conditions easily degenerates into idolatry, a visual form of addiction that, indeed, can become a most dangerous collective delusional system. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 46-47).

criança. Conforme esclarecem Erikson e Erikson (1998) uma imagem configura a pessoa no caminho para a expansão e autoafirmação desejada em sua casa e em sua cultura; e a outra imagem (negativa) apresenta o que não se deve ser:

Estas imagens podem ser reforçadas por referências ao tipo de comportamento para o qual a criança ainda é muito pequena, ou esteja na idade certa, ou já é muito grande para a compreensão exata da ação. Tudo isso ocorre dentro de um raio de ligações significativas que agora inclui tanto as crianças mais velhas quanto os pais, sendo a figura do pai cada vez mais vista como central. Talvez caiba à figura da autoridade muscular com a voz mais profunda sublinhar os Sim e Não, e ainda equilibrar os aspectos ameaçadores e proibitivos de sua aparência com uma tutela benevolente e orientadora. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 47, tradução nossa).¹⁷

Dado o exposto, mostra-se o pai “entrando em cena” no momento de desenvolvimento da criança com um papel que possui um caráter de discernimento de certo e errado, priorizando o cumprimento do que é relevante - na visão paterna -, podendo obter uma caracterização de orientação e preocupação com o futuro do filho em meio à sociedade vivida. Como resultado de um distúrbio decisivo nessa fase, verifica-se o fracasso nas ritualizações determinantes e importantes na vida do sujeito, pois o indivíduo não consegue expressar realmente a sua vontade, mas sim, expressa o que todos a sua volta julgam certo, pensando sempre nos outros, desencadeando assim, um questionamento infundável sobre o que é “bom” e o que é “mau”, o que é “certo” e o que é “errado”, em tudo o que for realizar ao longo da vida.

Ainda no começo da infância, quando a criança está conhecendo o meio social no qual está inserida, há uma outra ritualização presente chamada por Erikson de judiciosa, combinação da “lei” e da “palavra”, significando compreender a palavra ligada ao ato que ela representa. Segundo Erikson e Erikson (1998), é aqui onde se encontra a origem ontogenética da preocupação humana com as questões de livre arbítrio e autodeterminação, tal qual da definição legal de culpa e transgressão, sendo assim, reflete o que as instituições enraizadas nesse momento da vida definirão por lei e por liberdade do indivíduo.

¹⁷ These images may be reinforced by unceasing references to the kind of behavior for which the child is as yet too small, or just the right age, or already too big. All this takes place within a radius of significant attachments which now include both older children and parental persons, with the father figure being seen as more and more central. Maybe it is up to the muscular authority figure with the deeper voice to underscore the Yes's and No's and yet to balance the threatening and forbidding aspects of his appearance with a benevolent and guiding guardianship. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 47).

Os rituais presentes durante o referido período, encontram-se nesse sistema de julgamento, o que torna público o drama particular vivido dentro da família do indivíduo, o qual Erikson e Erikson (1998) explicam como momentos no quais somos julgados e é essa lei, bem como nossa consciência, que necessitam provar nossa “inocência” perante os acontecimentos ocorridos durante essa fase do desenvolvimento. Visto que o julgamento de certo e de errado ocorrerá baseado no meio em que o sujeito está inserido, no seu plano moral de condutas. Não se pode esquecer de mencionar que o ritualismo também pode ocorrer nesse momento, no qual é denominado legalismo.

Em relação ao estágio da brincadeira das crianças, o qual ocorre simultaneamente, Erikson registra:

Enquanto isso, o estágio da brincadeira confia a esfera de iniciativa amplamente aumentada à capacidade das crianças de cultivar sua própria esfera de ritualização; ou seja, o mundo dos brinquedos em miniatura e o espaço-tempo compartilhado dos jogos. Estes estão aptos a absorver em jogos imaginativos tanto os sonhos excessivos de conquista quanto a culpa resultante. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.48, tradução nossa).¹⁸

Por meio dessa citação, verifica-se como as brincadeiras e jogos influenciam, segundo Erikson, no desenvolvimento da criança de maneira positiva, pois ela estabelece acontecimentos do seu entorno/cotidiano e atribuições singulares sobre ela mesma no momento da brincadeira. Segundo Rodrigues e Melchiori (2018), a criança que está em idade escolar tem um avanço significativo no seu desenvolvimento cognitivo, na capacidade de compreensão do que é abordado dentro de sala de aula, no interesse em socializar por meio do jogo, na vontade de aprender as regras e jogar com seus pares, sendo esse um processo gradual. O ambiente, portanto, precisa ser organizado e sistematizado para promover tal avanço no processo de desenvolvimento infantil, de tal modo que a iniciativa da criança seja promovida e exercida por meio das atividades a ela apresentadas.

Para Erikson e Erikson (1998) o elemento básico constituído durante a idade da representação é a forma infantil do drama, sendo um momento no qual haverá a junção dos elementos numinosos e judiciais, mesmo que antecipem alguns elementos

¹⁸ In the meantime, the play age entrusts the vastly increased sphere of initiative to the capacity of children to cultivate their own sphere of ritualization; namely, the world of miniature toys and the shared space-time of games. These are apt to absorb in imaginative interplay both excessive dreams of conquest and the resulting guilt. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 48).

ainda a serem traçados, tais como: o saber formal e o saber ideológico. As instituições pertencentes à esfera lúdica da criança, então, são o palco no qual se trabalha a expressão de admiração ou drama, estabilizando-se a imaginação e a interação da criança. Em relação ao elemento do ritualismo enraizado na idade da representação, Erikson e Erikson (1998, p. 49) coloca que é: “[...] uma supressão moralista e inibidora da iniciativa lúdica na ausência de formas criativamente ritualizadas de canalizar a culpa. Moralismo é a palavra para isso”.¹⁹ Rodrigues e Melchiori (2018), em consonância com que foi explicado pontuam sobre a notoriedade de como a idade da representação é importante para a criança trabalhar com a iniciativa de maneira positiva, expressando-se da maneira como tem convivido no seu círculo social e, quando há um julgamento sobre esse ato de imaginar, a culpa de não estar se enquadrando ao exposto emerge e se faz presente na vida da criança.

Compreendendo as fases pelas quais a criança está passando, faz-se necessário falar sobre os opositores dessas fases mencionadas, opositores esses, que estão presentes nas zonas, modos e modalidades, podendo ter uma interação significativa com a mesma. Esses aspectos citados, estão relacionados ao desenvolvimento psicosssexual e suas etapas. Um dos pontos que Erikson e Erikson (1998) retratam no decorrer desse período da criança é sobre o complexo de Édipo, conforme os termos já apresentados no capítulo 1 do presente trabalho. As características psicosssexuais presentes no apego ao genitor do sexo oposto, chegaram mesmo a se constituir como o complexo central da psicanálise. Dessa forma, os principais desejos instintivos, assim como as reações de culpa correspondentes, “[...] estão programados para aparecer num período de desenvolvimento que combina o conflito infantil mais intenso com o maior avanço na brincadeira [...]” (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 49).²⁰ Por sua vez, quaisquer desejos fantásticos e/ou sentimentos de culpa que surgirem, estão organizados para serem ocultos no período de latência, junto à fase escolar.

Se faz necessário notar, além dos aspectos citados, um atributo essencial no desenvolvimento humano. Para Erikson e Erikson (1998), à proporção que os opositores - explicados anteriormente - aumentam, formando o ser crescente em

¹⁹ [...] suppression of playful initiative in the absence of creatively ritualized ways of channeling guilt. Moralism is the word for it. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.49).

²⁰ [...] are scheduled to appear at a period of development that combines the most intense infantile conflict with the greatest advance in playfulness [...]. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 49).

papéis cada vez mais novos dentro de um grupo mais amplo, certas configurações básicas exigem novas visões sobre elas posteriormente.

Para uma explanação maior sobre o que está sendo discutido acerca das representações, é preciso falar sobre os jogos, prática essencial que marca presença no desenvolvimento infantil. Em acordo com Erikson e Erikson (1998), o jogo, para a teoria psicanalítica, tinha por objetivo, na infância, operar as emoções reprimidas, encontrando assim, um alívio imaginário para frustrações passadas, bem como a utilização do crescente domínio sobre os brinquedos e situações lúdicas que permitiam a ilusão de também dominar algumas situações da vida real. Sobre sua perspectiva do desenvolvimento Erikson e Erikson afirmam:

Eu em algum momento postulei uma autoesfera para brincar com as sensações do corpo; uma microesfera para brinquedos; e uma macroesfera para brincar com os outros. De grande ajuda no jogo clínico foi a observação de que a microesfera dos brinquedos pode seduzir a criança em uma expressão desprotegida de desejos e temas perigosos que depois despertam a ansiedade e levam à perturbação do jogo, a contrapartida na vida acordada do sonho de ansiedade. E de fato, se assim assustada, ou desapontada na microesfera, a criança pode regredir na autoesfera, sonhando acordada, sugando os polegares. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 50, tradução nossa).²¹

É notória a relevância dos jogos no desenvolvimento psicossocial da criança, proporcionando a ela inúmeras situações que promoverão uma ampliação em toda sua evolução enquanto ser humano integrante de um meio social. A brincadeira atinge a macro esfera, ou seja, o âmbito social compartilhado com o outro, onde devem ser aprendidas e compartilhadas intenções lúdicas, podendo dizer que é por conta dessa troca, que os jogos formais e de regras se tornam um dos focos das crianças. O jogo, então, é um exemplo da forma como cada grande tendência do desenvolvimento epigenético se mantém e se expande no decorrer da vida.

Pois o poder ritualizador do jogo é a forma infantil da capacidade humana de lidar com a experiência criando situações modelo e formas de dominar a realidade através da experiência e podendo planejar atitudes para determinada ação. Em fases cruciais de seu trabalho que o adulto também "brinca" com experiências passadas e tarefas antecipadas, começando com

²¹ I at one time postulated an autosphere for play with the sensations of the body; a microsphere for toys; and a macrosphere for play with others. Of great help in clinical play was the observation that the microsphere of toys can seduce the child into an unguarded expression. of dangerous wishes and themes that then arouse anxiety and lead to—most revealing—sudden play disruption, the counterpart in waking life of the anxiety dream. And indeed, if thus frightened or disappointed in the microsphere, the child may regress into the autosphere, day dreaming, thumbsucking, masturbating. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 50).

aquela atividade na auto esfera chamada pensamento. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 51, tradução nossa).²²

Para além do exposto, é preciso voltar o olhar para a construção de situações modelo, não limitadas apenas à ficção ou dramatizações abertas. Em um esboço de um desenho estudado por um especialista, torna-se possível, por exemplo, antecipar inventivamente o futuro, partindo do ponto de vista de um passado consertado, com uma ação de resgate de determinadas situações fracassadas que foram resolvidas, ocorre o aumento das esperanças dentro do sujeito, pois trata-se de uma situação problemática acontecida no passado, que agora, ao se repetir, o indivíduo já sabe como resolver. Por meio dessa ligação de erro e acerto, no momento do jogo, a criança começa a desenvolver ato de aprender a aceitar e se contentar com brinquedos, pensamentos e ações inventadas que são colocadas à disposição da criança, seja elas colocadas por condições científicas, culturais, tecnológicas do momento histórico vivido, visando uma troca entre o que já foi aprendido e o momento atual do jogo, exercitando o saber já adquirido.

Posto todas as informações acima, nota-se a influência do jogo no desenvolvimento da criança e a maneira como está interligado aos processos de ritualização ou de ritualismo, mostrando que, quando há uma compreensão do que está sendo passado para o indivíduo - com significados e experiências - suas atitudes refletirão perante alguém que compreende as diferentes situações que ocorrem ao seu redor. Em contrapartida, caso não exista essa compreensão e experimentação, as condutas e ações do sujeito serão voltadas para normalizações implementadas por outros, sem que haja qualquer significado para sua vida, a não ser o da obrigatoriedade perante as crenças do meio social vivido.

2.3. DEFESA DO EGO E ADAPTAÇÃO SOCIAL

Para falar sobre o ego e seus mecanismos de defesa, faz-se necessário uma compreensão dos mesmos, pensando numa perspectiva de ação e vivência social do sujeito com o meio no qual está inserido. Olhando para esse aspecto, Anna Freud

²² For the ritualizing power of play is the infantile form of the human ability to deal with experience by creating model situations and to master reality by experiment and planning. It is in crucial phases of his work that the adult, too, "plays" with past experience and anticipated tasks, beginning with that activity in the autosphere called thinking. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 51).

(1946) afirma que esse movimento do ego com seus mecanismos de defesa trata de um problema particular; isto é, das formas e meios pelos quais o ego afasta o prazer e a ansiedade, e exerce controle sobre os comportamentos instintivos impulsivos. Sendo assim, as várias defesas presentes, como a regressão e a repressão por exemplo, são tratadas como fenômenos internos.

Os mecanismos de defesa individuais e as grandes defesas rituais das comunidades se assemelham entre si. Podendo-se tomar como exemplo o medo de uma criança por algum objeto/ser, com o passar do tempo, ela começa a criar cenas nas quais enfrenta esse medo, enfrentamento esse, baseado em características existentes no grupo social no qual vive, como repreensão imaginária ao objeto/ser de maneira autoritária, segundo Anna Freud (1946), conformando-se a possibilidade de se transformar a ansiedade em segurança prazerosa.

Em relação à educação, Anna Freud (1946) relata observações feitas em uma escola que se entendia como buscando a modernidade, re-ritualizando – uma nova ritualização – os procedimentos, tirando a ênfase do aprendizado em classes e o colocando na iniciativa do aluno. Com essa mudança novas condutas defensivas surgiram em algumas crianças, que anteriormente possuíam características de serem capazes e populares dentro do ambiente escolar, tendo sido comprometida sua adaptabilidade com as novas exigências. A referida autora, propõe que essa defesa compartilhada, mesmo que detenha aspectos individuais, poderia desvanecer rapidamente se a escola abandonasse as ritualizações adotadas.

Avaliando-se sobre as novas ritualizações que podem acontecer ao longo da vida, é inevitável não pensar sobre mecanismos sociais de defesa do ego, pois de acordo com Erikson e Erikson (1998), as ocorrências podem se cristalizar em formas de personalidade, bem como as ritualizações vividas desde o começo da vida social do sujeito. Anna Freud (1946) aponta que a defesa compartilhada do ego acontece face a percepção de novas maneiras e exigências de sua própria identidade, ou seja, uma revolução interior. Essas defesas intelectuais surgem e são compartilhadas tanto como resultados de ganhos cognitivos da etapa, quanto como uma adaptação às novas ritualizações apresentadas.

Parece provável, então, que os mecanismos de defesa não sejam apenas moldados aos impulsos instintivos do indivíduo, como instintos que se devem conter, mas, ao funcionar relativamente bem, são compartilhados ou contraindicados como parte da ritualizada interação de indivíduos e famílias, bem como de unidades maiores. Mas onde eles são fracos, rígidos e totalmente

isolados, mecanismos de defesa podem muito bem ser comparáveis a ritualismos individualizados e internalizados. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 78, tradução nossa).²³

Dado o exposto, vê-se como os mecanismos de defesa do ego são responsáveis por reações às mudanças ocorridas no decorrer da vida e, como apresentado acima, possuem um lado positivo que colabora com o surgimento de novidades pelas interações geradas, bem como um lado negativo, que perpassa pelo ritualismo, processo que acarreta internalizações que impossibilitam um crescimento e uma compreensão acerca dos acontecimentos, causando apenas a aceitação e o bloqueio das interações presentes em seu meio social.

Discutir sobre as defesas do ego, segundo Erikson e Erikson (1998), remete ao conhecimento mais individual do ser humano e, simultaneamente, ao o que há de mais básico para uma comunidade num sentido de “nós”. Ele explica que o sentido singular do “eu” pode confrontar outro “eu”, mas o segundo, respectivamente, diz respeito a um conjunto de “eus” unidos. Por conta da troca que existe entre os “eus” presentes, e o “eu” singular, o ego estabelece defesas contra impulsos e condutas indesejáveis, ações essas, que restauram certos modos básicos de existência, tanto individual quanto em grupo, contemplando a superação do sentimento de inatividade ou de fragmentação.

Dentro do processo citado, há uma evolução da consciência, consciência essa, que através do desenvolvimento e da história vivida, parece ter se moldado e atingido um estado decisivo e, quando se confronta com situações atípicas, o sujeito acaba “[...] tornando-se consciente de sua própria negação inconsciente e aprendendo a estudar consequências”. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 80, tradução nossa).²⁴ Pensando sobre a maneira de funcionamento do inconsciente, é preciso compreender que para que haja tal ação, sejam empregados meios lúdicos e significativos para a expansão da consciência, como a associação livre, o sonho e o jogo de si mesmo.

Considerando o tamanho e a paixão de sua própria consciência estética, moral e científica, deve-se considerar esta concentração exclusiva no

²³ It appears probable, then, that defense mechanisms are not only molded to the individual's instinctual urges that they are to contain but, where they work relatively well, are shared or counterpointed as part of the ritualized interplay of individuals and families as well as of larger units. But where they are weak, rigid, and altogether isolating, defense mechanisms may well be comparable to individualized and internalized ritualisms. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 78).

²⁴ [...] thus becoming aware of its own denial of the unconscious and learning to study the consequences. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 80).

inconsciente e no id, como um compromisso quase ascético com o estudo do que é mais obscuro e, ao mesmo tempo, mais elementar na motivação humana. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 80, tradução nossa).²⁵

Falar sobre o “eu” e o “nós” não é só importante para a compreensão dos fenômenos psicossociais, mas também, é imprescindível para uma psicologia psicanalítica mais abrangente. Erikson e Erikson (1998) relatam que falar desse “eu” demanda o entendimento de quando se fala do ego utilizando a expressão “eu” ou “eu mesmo”, sendo necessário esse senso de “eu” para estar consciente das experiências únicas vividas, considerando que as diversas auto experiências têm em comum a continuidade consciente que o “eu” experienciou, podendo assim torna-se consciente de todas.

Assim, o "eu", afinal, é o local para a simples garantia verbal de que cada pessoa é um centro de consciência em um universo de experiência comunicável, um centro tão numinoso que equivale a sensação de estar vivo e, mais do que isso, de ser a vital condição de existência. Ao mesmo tempo, apenas duas ou mais pessoas que seguem modelos sociais parecidos podem fazer a ponte entre seus “eus” em um “nós”. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 81, tradução nossa).²⁶

Como citado acima, atinar sobre a relação do “eu” e do “nós” faz com que assumam seu pleno significado dentro de estágios já comentados, tais como: modos postural e sensorial, modos dos órgãos, bem como, atrelam-se às características do espaço-tempo e os pontos de vista presentes. O “nós”, conforme relatado por Erikson e Erikson (1998), acontece por meio de identificações que geram irmandades, as quais são constituídas por uma identificação conjunta, com figuras emblemáticas dos já pertencentes a determinado grupo, com os quais o “eu” singular irá se relacionar.

Para compreender sobre o ego e a adaptação social, faz-se necessário observar alguns acontecimentos, dado que se trata de um acompanhamento do desenvolvimento da vida por meio de etapas. Por conta da sequência de estágios, “[...] o problema humano é tal que um senso tão básico, quanto o de centralidade,

²⁵ Considering the width and the passion of his own aesthetic, moral, and scientific awareness, one must consider this exclusive concentration on the unconscious and on the id an almost ascetic commitment to the study of what is most obscure and yet also most elemental in human motivation. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 80).

²⁶ Thus, the “I,” after all, is the ground for the simple verbal assurance that each person is a center of awareness in a universe of communicable experience, a center so numinous that it amounts to a sense of being alive and, more, of being the vital condition of existence. At the same time, only two or more persons who share a corresponding world image and can bridge their languages may merge their “I”s into a “we”. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 81).

depende de uma renovação de etapa em etapa [...]”. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 82). Ou seja, para que o ego continue se desenvolvendo, evoluindo, é imprescindível que fatores de “outros” estejam em contato com ele. Ao se contemplar as razões psicossociais, não é o suficiente falar da adaptação do ego a uma realidade exterior, por mais conflituosa que seja a adaptação humana, visto que a partir do momento que o ego se situa como guia dessa adaptação, ele já internalizou experiências adaptativas e introjetou identificações intensas da realidade.

A realidade, então, é composta por inúmeros e vitais componentes, sendo eles dependentes de elementos instintivos, a partir dos quais as energias afetivas se tornam disponíveis ao ego no decorrer do desenvolvimento e, também, colaboram para o amadurecimento das capacidades, no mundo habitado. Um exemplo citado por Erikson (1977), é sobre como a criança aprende a amar. Esse acontecimento se dá por meio de fatos que demonstram esse sentimento, percebendo determinadas singularidades sobre e agindo de tal maneira.

Em relação aos três componentes imprescindíveis para o amadurecimento do sentido da realidade, Erikson afirma que:

[...] a factualidade é a mais comumente enfatizada no sentido usual do mundo "coisa" dos fatos - a ser percebida com um mínimo de distorção ou negação e um máximo da validação possível em um determinado estágio de desenvolvimento cognitivo, e em um determinado estado da tecnologia e da ciência (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 83, tradução nossa).²⁷

Uma outra acepção para a realidade, enquanto conceito, seria ligada à coerência evidente, uma ordem que relaciona os fatos já conhecidos com um contexto adequado para que se compreenda sua natureza. Para Erikson e Erikson (1998), “compreensibilidade” é uma palavra adequada para esse viés da realidade. Outro termo alternativo contemplado pelo autor é a contextualização visual, pois o entrelaçamento dos fatos é o que dá o devido significado revelador sobre o que se vive. O terceiro aspecto diz respeito à realidade como uma visão viável do mundo.

[...] é, no seu melhor, uma concepção abrangente que concentra atenção disciplinada sobre uma seleção de fatos certificáveis: libera uma visão, reforçando um senso de contenção e atualizando uma comunhão ética com

²⁷ [...] factuality is the most commonly emphasized in the usual sense of the “thing” world of facts—to be perceived with a minimum of distortion or denial and a maximum of the validation possible at a given stage of cognitive development and at a given state of technology and Science. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 83).

fortes compromissos de trabalho. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 83, tradução nossa).²⁸

Diante do exposto, as imagens do mundo acrescentam significados a cada indivíduo, podendo, mesmo, ser renovadas a cada nova geração. Um exemplo citado pelo autor, é sobre cada um poder revisitar seus “capítulos anteriores”, dos modos de órgão às modalidades posturais, das crises, de todos os estágios vividos do desenvolvimento psicossocial, e tentar relacionar como as imagens do mundo são propensas a gerar um contexto universal e um significado a todas as experiências já vividas. É por meio dessas relações estabelecidas, que o “eu” individual cresce a partir das primeiras experiências corporais e [...] pode aprender a ter e a compartilhar um mínimo de senso de orientação no universo”. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 84).²⁹ O estudo de imagens de mundo, seja ele qual for, precisa começar com cada “eu” primordial, para uma orientação básica de espaço-tempo, juntamente às formas da comunidade vivida e suas especificidades, tais como: festas, divisão de trabalho, divisão do tempo, dentre outras peculiaridades que possam estar presentes.

Shaffer (2005) aponta que a cada desafio vencido, a cada crise passada, surge tanto uma maturidade biológica quanto uma maturidade ligada às exigências sociais que o indivíduo vive ao longo de sua vida. Assim, pode-se notar a existência de uma série de acontecimentos e implicações da realidade exterior, para efetivar o processo de construção da maturidade. Entender que as crises presentes em cada estágio, refletem uma nova experiência ao indivíduo, internalizando condutas e, podendo até mesmo, obter novas crenças e opiniões baseando-se no contexto no qual se está inserido, é de extrema importância para compreender a formação da identidade do sujeito nas mais diversas idades.

²⁸ [...] is at its best an all-inclusive conception that focuses disciplined attention on a selection of certifiable facts: liberates a coherent vision enhancing a sense of cont and actualizes an ethical fellowship with strong work commitments. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.83).

²⁹ [...] learn to have and to share a modicum of a sense of orientation in the universe. (ERIKSON, 1998, p. 84).

CAPÍTULO 3

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA IDADE ESCOLAR

Pensar na formação do ser humano, enquanto pessoa participante da sociedade em que vive, vai além de falar apenas sobre condutas e atitudes específicas. Ao observar um comportamento em determinada faixa-etária, muito se volta para o julgamento do agora, do momento no qual o comportamento acontece, sem levar em considerações situações passadas que formaram a pessoa em questão.

Erik Erikson, ao desenvolver sua teoria, volta seu olhar para o amadurecimento do ego, o qual é ligado também às crises passadas pelo indivíduo. Nesse sentido, ele estabelece em sua teoria oito estágios do desenvolvimento psicossocial, estágios esses, que irão acontecer ao longo da vida do ser humano, sendo eles: confiança básica x desconfiança básica; autonomia x vergonha e dúvida; iniciativa x culpa; diligência x inferioridade; identidade x confusão de identidade; intimidade x isolamento; generatividade e estagnação; integridade x desespero – sabedoria.

Ao longo do capítulo serão abordados cada um dos oito estágios – mais um estágio adicional, elaborado Joan Erikson – com o objetivo de explicar como se dão as crises durante o desenvolvimento psicossocial, bem como, seus efeitos positivo e negativo dependendo da maneira como as situações forem solucionadas, de modo a se avaliar sua influência na formação da identidade do sujeito ao longo da idade escolar.

3.1. ESTÁGIOS DA TEORIA PSICOSSOCIAL DE ERIK ERIKSON

Percorrendo um caminho contínuo com os estudos de Freud e baseando-se neles, Erikson, durante o século XX, inicia a construção de sua teoria psicossocial do desenvolvimento humano, levando em consideração que o ser humano é um ser social, sofrendo pressões e se tornando implicado no seio de seu grupo cotidiano. Nessa época, a Psicanálise ainda era novidade e as contribuições de Erikson colaboraram para se compreender o processo de ligação entre o passado e o presente, a fim de pensar como acerca do impacto de etapas anteriores na vida presente do sujeito.

Segundo Carpigiani (2010), o desenvolvimento, para Erikson, ocorre como o resultado da junção de três dimensões inerentes ao humano, sendo elas: a dimensão

biológica; a dimensão social e a dimensão individual. A primeira, diz respeito à base para o desenvolvimento do ser humano, estando de algum modo ligada amplamente ao desenvolvimento do ser vivo. A segunda, dimensão social, diz respeito às relações culturais nas quais o bebê está inserido, a troca que ele tem com o outro. A terceira, respectivamente, é a responsável por articular os aspectos que formam a dimensão biológica e a dimensão social, junção essa, que garantirá ao indivíduo sua identidade.

Erikson segmentou sua teoria do desenvolvimento humano em fases, tendo algumas características singulares, sendo elas: (a) o desvio do foco central da sexualidade para as relações sociais; (b) a proposição dos estágios psicossociais envolve outras partes do ciclo vital além da infância, expandindo as propostas de Freud, não ocorrendo uma negação da importância dos estágios infantis, porém Erikson observa que o que se é construído na infância em relação personalidade não é fixo e pode ser modificado com experiências futuras; (c) a cada etapa, o indivíduo cresce por meio das exigências internas do seu ego, mas também com as exigências do ambiente em que vive, sendo essencial a análise da cultura e da sociedade em que o sujeito vive; (d) em cada estágio, o ego passa por uma crise (nomeando o estágio), esta crise pode resultar positivamente (ritualização) ou negativamente (ritualismo); da resolução positiva, da crise, o ego fica cada vez mais forte e rico, do contrário, da resolução negativa, o ego se torna mais fragilizado; (e) no decorrer de cada crise, a personalidade vai se reestruturando e se reformulando de acordo com as experiências vividas e o ego vai se adaptando ao seu sucesso e fracasso. (RABELLO, 2001).

Erikson baseou sua teoria em estágios denominados psicossociais, nos quais descreveu as crises passadas pelo ego, crises essas, segundo Rabello e Passos (2007) e Papalia e Feldman (2013), responsáveis por determinar a maneira como o sujeito se estruturaria de acordo com a vivência do conflito e, este final de crise, implicaria diretamente o próximo estágio, salientando que o crescimento e desenvolvimento do ego estaria espelhado no seu contexto social. Bee (2003) e Leite e Silva (2019), relatam que a teoria psicossocial abrange a identidade que se desenvolve durante toda a vida, tendo modificações depois de momentos vividos, momentos esses, que colaboram no desenvolvimento saudável do ego. A seguir, passa-se à discussão das crises do ego que caracterizam os estágios concebidos por Erikson.

3.1.1. Confiança Básica x Desconfiança Básica

Sendo a fase inicial da infância, ela ocorre na idade de zero a um ano e meio. Segundo Carpigiani (2010), para começar a descrever esse estágio, é necessário retomar o pensamento freudiano, pois refere-se a alguns aspectos da fase oral descrita por Freud e, também, a alguns aspectos do desenvolvimento intelectual do período sensório motor de Jean Piaget.

Nesse primeiro estágio, Rabello e Passos (2007) e Veríssimo (2002), relatam que a atenção do bebê é voltada à pessoa que provê seu conforto, que supre suas ansiedades e necessidades em um tempo suportável: a mãe. Com esse contato materno é estabelecida a primeira relação social do bebê, relação essa, constituída pela confiança construída nos momentos de interação entre mãe e filho.

A mãe ensinará consoante com a maneira própria da cultura na qual está inserida de tal maneira que o seu aquele bebê possa se adaptar a esta determinada versão do universo. O primeiro trabalho do ego é estruturar o equilíbrio entre confiança básica e desconfiança básica e depende da forma como acontece a harmonia entre prover com cuidado e firmeza dentro das expectativas da cultura. (CARPIGIANI, 2010, p. 12).

Pensando na vertente principal do contato social explicado por Erikson em relação ao mundo exterior no qual o bebê está inserido, no período em questão, a mãe será a responsável por integrar seu filho num determinado contexto vivido por ela, com princípios e condutas nos quais acredita e segue no decorrer de sua vida, para que seu bebê esteja o mais adentro possível, aprendendo desde pequeno, questões importantes ao meio vivenciado por toda família. Para Rabello e Passos (2007), essas atitudes parentais, sustentarão uma base sólida de formação de identidade do bebê, juntamente com a aceitação dentro do seu grupo. A confiança básica que é constituída é de extrema relevância para a construção da personalidade, porém, a desconfiança é uma característica necessária nesse momento, pois é através dela, que futuramente diversificará perigos e situações desconfortáveis onde o sujeito possa estar inserido.

Erikson e Erikson (1998) ressaltam o surgimento da esperança, em conjunto com a confiança básica, sentimento essa que transmite segurança e fortaleza em relação a diversos acontecimentos que podem vir a acontecer, desde os mais simples como a compreensão do querer e esperar porque se realizará – no referido período,

voltado às ações da mãe – aos mais complexos para a idade, com a noção de entender que pessoas e objetos existem mesmo longe do seu campo de visão.

Rabello e Passos (2007) relatam que a vivência positiva dessas descobertas, e quando a mãe confirma suas esperanças e expectativas, surge a confiança básica, a qual faz com que a criança tenha a sensação de que o mundo é bom e confiável. Em contrapartida, surge a desconfiança básica, com o sentimento de que o mundo não o corresponde, que é mau. Desde então, alguns traços da personalidade se formam. É relevante que a criança conviva com pequenas frustrações, para que sejam expostas a diversas situações, nas quais possam aprender a determinar esperanças que são possíveis ou não de serem realizadas.

Portanto, o primeiro estágio é regado por primeiras percepções do contato social com o meio exterior, despertando sentimentos relevantes para a base de sua personalidade que está em construção desde as primeiras trocas com o seu meio social. E, durante essa fase, o desenvolvimento saudável do ego precisa do equilíbrio entre esses dois sentimentos que regem o estágio, sendo de extrema importância que a criança vivencie momentos de frustração para entender que é importante também desconfiar em algumas situações. (BEE, 2003; RABELLO; PASSOS, 2007; PAPALIA; FELDMAN, 2013; CARPIGIANI, 2010).

3.1.2. Autonomia x Vergonha e Dúvida

A segunda fase ocorre na idade de um ano e meio a três anos, remetendo ao estágio anal freudiano, comentando por Rabello e Passos (2007), que criança já tem algum controle de seus movimentos musculares, com isso, sua energia é voltada às experiências ligadas à atividade exploratória e à conquista de autonomia. É válido ressaltar que há uma tentativa de equilíbrio entre manutenção muscular, conservação e controle, uma vez que a criança percebe que não pode utilizar toda sua energia exploratória à vontade, precisando respeitar regras sociais.

Durante esse estágio, como as crianças estão aprendendo regras, logo surge um sentimento de julgamento, começando a diferenciar certo e errado dentro do meio social. Rabello e Passos (2007) ressaltam o papel dos adultos no ensinamento de regras para as crianças utilizando a vergonha e ao mesmo tempo o encorajamento para dar um nível de autonomia a ela cabível, porém atitudes como essas, que expõe a criança e a deixa constrangida, podem deixá-la com um sentimento de vergonha permanente, duvidando de suas próprias potencialidades.

Carpigiani (2010, p. 13) escreve que: “O exercício de autonomia irá convalidar a segurança básica vivenciada na idade anterior. Por outro lado, se a vergonha prevalece sobre a autonomia então um profundo sentimento de inferioridade poderá se desenvolver”. Analisar o processo de maturação pelo qual a criança está passando, validando o seu estágio vivenciado anteriormente, é compreender que precisa ter equilíbrio no ato de ensinar condutas para as crianças, pois caso haja uma sobrecarga no lado negativo – nesse estágio, sendo o sentimento de vergonha – mais distante se deixará a formação de um sujeito confiante em suas opiniões e ações.

A vontade é a grande responsável pela conduta da autonomia, quanto mais forte for sua vontade, mais eles se comprometem. (ERIKSON; ERIKSON, 1998). Nessa aprendizagem de autocontrole ou do controle social, a força básica da vontade é manifesta na livre escolha, o que sustenta um crescimento sadio da autonomia da criança. Em contrapartida, quando se tem o controle como uma regra principal a ser cumprida a todo custo, Carpigiani (2010) explica que a criança começa a achar que a punição tem que ser aplicada toda vez que fizer algo de errado ou quando não respeitar uma regra.

Nesse estágio, para Rabello e Passos (2007), o principal cuidado que os pais precisam tomar é dar o grau certo de autonomia à criança. Se for muito exigida, ela se sentirá mal por não dar conta da tarefa, conseqüentemente, baixará sua autoestima. Porém, se for pouco exigida, um sentimento de abandono e de dúvida de suas capacidades surge. Caso ela seja pouco amparada, se sentirá exigida além de suas potencialidades. Por meio do exposto, nota-se a importância de os pais oportunizarem situações que desenvolvam a autonomia da criança, mas que também, estejam prontos caso ela necessite de auxílio.

3.1.3. Iniciativa x Culpa

O terceiro estágio ocorre dos três aos seis anos de idade, no qual, a criança a princípio já conseguiu a confiança e a autonomia, traços dos estágios anteriores e, agora, a junção desses dois fatores resulta na iniciativa, pela expansão intelectual. Carpiagiani (2010) e Veríssimo (2002) explicam que a confiança e a autonomia desenvolvidas nas idades anteriores fornecem os subsídios para o exercício de iniciativas, planejamentos de ações, conquistas, seduções e competições.

Durante essa idade, a criança está na fase fálica proposta por Freud, na qual aparece o Complexo de Édipo, assim explicado por Erikson:

O estágio de modalidades sociais básicas em ambos os sexos é a do “produzir”, primeiro na acepção infantil de “estar em fabricação”. Não há palavras simples nem fortes no inglês que correspondam às modalidades básicas. As palavras sugerem a alegria da competição, a insistência nos objetivos, o prazer da conquista. No menino, a ênfase permanece em “produzir” um ataque frontal; na menina, pode converter-se em “captar” arrebatando agressivamente ou “cativar”, tornando-se ela própria atraente e meiga. Assim, a criança desenvolve os pré-requisitos da iniciativa masculina ou feminina e, sobretudo, certas auto-imagens sexuais que se tornarão os elementos essenciais dos aspectos positivo e negativo de sua identidade futura. (ERIKSON, 1968, p.118, tradução nossa).³⁰

A criação de objetivos – iniciativa – no decorrer dessa fase é muito comum. A criança pode se empolgar na busca de objetivos além de suas possibilidades e, por conta disso, ao falhar, o sentimento de culpa emergir, pois não consegue realizar o que desejou. Erikson e Erikson (1998, p. 99, tradução nossa) relatam que: “A iniciativa é corajosa e valente, mas quando falha, segue-se uma forte sensação de deflação. É animado e entusiasmado enquanto dura, mas o instigador da iniciativa muitas vezes fica com um sentimento de inadequação e culpa”.³¹ Diante do exposto, vê-se a importância da iniciativa ter despertado um senso de responsabilidade na criança, demonstrando sua vontade e compromisso em realizar o que almeja, em contrapartida, ao ser falha em suas responsabilidades e objetivos, a culpa e a sensação de incapacidade surgem podendo afetar sua crença em si mesmo.

Durante essa idade, as crianças necessitam que adultos deem obrigações a elas, como ajuda em atividades do cotidiano, sendo importante que lhes mostrem também que há certas coisas que ainda não podem fazer. (RABELLO; PASSOS, 2007). Por meio dessa atitude, a criança compreende que existem coisas fora de suas capacidades – por enquanto – então ela começa a treinar determinadas

³⁰ The ambulatory stage, that of play and infantile genitality, adds to the inventory of basic social modalities in both sexes that of "making," first in the childlike sense of "being on the make." There are no simpler, stronger words to match basic social modalities than those of Basic English. The words suggest enjoyment of competition, insistence on goal, pleasure of conquest. In the boy the emphasis remains on "making" by head-on attack; in the girl it may turn to "catching" either by aggressive snatching or by making herself attractive and endearing. The child thus develops the prerequisites for masculine or feminine initiative and, above all, some sexual self-images which will become essential ingredients in the positive and negative aspects of his future identity. (ERIKSON, 1968, p. 118).

³¹ Initiative is brave and valiant, but When it misfires, a strong sense of deflation follows. It is lively and enthusiastic while it lasts, but the initiative instigator is often left with a sense of inadequacy and guilt. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 99).

potencialidade por meio de jogos, dramatizações, testando inúmeras potencialidades, tanto nela quanto em brinquedos, fazendo uma ligação do mundo interno e externo durante essa fase.

3.1.4. Diligência x Inferioridade

O quarto estágio ocorre dos sete aos doze anos de idade. Nesse período, a criança já está na escola e está conhecendo um novo mundo que lhe é apresentado nesse ambiente. Por meio disso, um novo controle da atividade surge, a considerar que o principal contato social acontece na escola, ou em outro meio para além do convívio familiar.

Nesse ambiente escolar frequentado, Rabello e Passos (2007), explicam que a criança começa a entender um pouco melhor o mundo adulto e tenta se adaptar a ele. A ideia de perseverança se constrói, na permanência de continuar fazendo tudo certo para ser recompensado a longo prazo, iniciando-se assim, um interesse pelo futuro. Rodrigues e Melchiori (2018) afirmam que, durante a idade escolar, o ambiente familiar e escolar são de extrema importância para desenvolver o controle da emoção e da autoestima, sentimentos esses, que destacam as potencialidades das crianças de maneira positiva, aumenta a confiança da criança e facilita a relação com o desafio, com o novo. Por esse motivo, se faz necessário oportunizar para as crianças diversas situações que a façam pensar, resolver problemas e sentir que participou de todo processo, fazendo com que ela tome iniciativa em resolver e se torne uma pessoa mais aberta para os acontecimentos que podem surgir em sua vida, visto que, quando a criança é muito retraída e preocupada com seu desempenho social, cria-se um padrão de impotência para a resolução de situações adversas. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Durante esse período, as habilidades e competências são ações mais acentuadas, pois a cada realização completa, a criança sente a satisfação de tarefa realizada de maneira exitosa. Essas ações são responsáveis pelo fortalecimento do ego, visando a não regressão do mesmo, mas, caso as falhas aconteçam de maneira contundente, o ego se instala e a criança acaba retornando às fantasias – fase anterior – ou se torna estagnada.

Na verdade, tudo o que alguém faz ou tenta fazer exige um padrão de competência para ser aceitável e compreensível. Não é necessário ser original ou inventivo, mas é obrigatório ser competente, a fim de se sobressair

em nosso mundo prático. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 100, tradução nossa).³²

Pensando nas tarefas a serem feitas na sociedade, a competência é um fator primordial para se obter êxito. Porém, o problema não é apenas possuir a competência, mas sim que se o sujeito não a tem, possivelmente, passa a ser percebido como pessoa de menor valor, sem méritos. Esse mecanismo é recorrente, especialmente, desde que se chega à escola, quando se é ensinado a procurar algo que saiba fazer, porém deve fazer bem feito, senão não será considerado útil frente às demandas existentes, por exemplo, no mundo das relações de trabalho.

Ao finalizar a discussão sobre esse período, vale destacar que as crises ocorridas até o momento, já são responsáveis pela base da formação da identidade da criança, apresentando características presentes ou faltantes, as quais implicarão na vivência dos processos futuros no meio social nas próximas faixas-etárias.

3.1.5. Identidade x Confusão de Identidade

Esse quinto período eriksoniano ocorre dos doze aos dezoito anos de idade, na adolescência, fase essa, sobre a qual Erikson desenvolveu muitos trabalhos. Sendo um dos estágios mais importantes do desenvolvimento humano, no qual inúmeras mudanças acontecem tanto no corpo quanto no comportamento, devido ao número de estímulos aos quais o indivíduo é exposto no grupo social vivido. Essas influências são de extrema importância para a formação da identidade do adolescente. Carpigiani (2010, p. 16) relata que:

O sentimento de identidade do ego, então firma a certeza de que coerência e continuidade interiores, elaboradas no passado, alicerçam e equivalem à coerência e a continuidade do próprio significado de si mesmo para a cultura, o que se evidencia, por exemplo, na escolha de uma carreira.

Se faz necessário compreender que todos os estágios passados deixam marcas, podendo ser marcas positivas ou negativas, dependendo da crise do ego ocorrida. Na adolescência, traços do passado e planos para o futuro se fazem presentes e necessários para a formação de uma identidade baseada em experiências acumuladas do ego, ligadas às funções sociais apresentadas até então,

³² In truth everything one does or attempts to do demands a standard of competence in order to be acceptable and understandable. It is not necessary to be original or inventive, but it is mandatory to be competent in order to excel in our practical world. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 100).

visando encontrar seu lugar na sociedade. Segundo Erikson (1968) e Bee (2003) também existe a origem do envolvimento ideológico, que é o que dirige a formação de grupos na adolescência. O ser humano tem a necessidade de se sentir parte de um grupo apoiante de suas ideias e identidades.

Rabello e Passos (2007) relatam que a preocupação do adolescente em integrar um grupo e encontrar seu lugar na sociedade são questões que provocam uma confusão de identidade, pois, ao se preocupar com a opinião alheia, o adolescente muda condutas, remodela sua personalidade, para que consiga lidar com o que acontece com ele ou com grupo que integra. Nessa confusão de identidade, os sentimentos de isolamento, de ansiedade e de incapacidade em se encontrar no mundo adulto surgem, podendo ocorrer uma regressão em todo processo já ocorrido.

Erikson e Erikson (1998) e Leite e Silva (2019) relatam que ficar confuso com esta identidade existencial gera um enigma para si mesmo e para muitas outras pessoas, talvez até mesmo para a maioria. Essa confusão pode ter um lado positivo, pois, se as crises do adolescente estiverem bem resolvidas, é em meio à confusão de identidade que é possível encontrar a estabilização da identidade. Essa atitude, será capaz de colaborar para que o sujeito possa ter uma visão de futuro centrada em suas crenças, respeitando a si mesmo e sua história.

3.1.6. Intimidade x Isolamento

A sexta fase do desenvolvimento psicossocial de Erikson corresponde dos dezoito aos 30 anos de idade, fase essa, ocorrida no momento do fim da adolescência e advento da vida adulta. Levando em consideração todo caminho percorrido pelo sujeito, nesse momento, sua identidade já está formada e possui uma base sólida, situação essa que o levará a se unir a uma pessoa. Segundo Rabello e Passos (2007) afirmam que para que essa associação seja positiva, é preciso que a pessoa tenha construído, ao longo dos ciclos anteriores, um ego forte e autônomo o suficiente para aceitar o convívio com outro ego sem se sentir anulado ou ameaçado.

O lado negativo da crise presente nesse estágio, resulta num isolamento como preferência do sujeito, pensando em preservar seu ego. Carpigiani (2010) relata que:

A incapacidade de prover intimidade pode gerar dificuldade no contato com outras pessoas gerando diversos meios de proteção como, por exemplo, o trabalho, por outro lado a pessoa que não consegue isolar-se, que não suporta estar sozinha terá problemas em produzir.

Diante do exposto, faz-se necessário compreender que o isolamento em períodos curtos faz parte da vida para que se possa organizar e avaliar suas decisões e ações, mas se, por algum motivo, esse isolamento dure um tempo grande, pontua-se o desfecho negativo para a crise ocorrida nesse estágio.

Olhando para outra faceta presente nesse estágio, Erikson e Erikson (1998) ressaltam que os anos de intimidade e amor são brilhantes e cheios de calor e luz solar. Amar e se encontrar no outro é trazer realização e prazer, visto que as trocas com as pessoas que fazem parte do seu grupo e com meio são de extrema importância na descoberta de si mesmo, pois é dessa maneira que as vivências contribuirão para formação de laços forte e duradouros ao longo da vida.

3.1.7. Generatividade x Estagnação

O sétimo período do desenvolvimento psicossocial de Erikson ocorre dos trinta aos sessenta anos, sendo uma das fases mais longas presentes no ciclo da vida, em acordo com Erikson e Erikson (1998, p. 102, tradução nossa):

O estágio de generatividade reivindica o maior período de tempo no gráfico - 30 anos ou mais, durante os quais se estabelece um compromisso de trabalho, e talvez se comece uma nova família, dedicando tempo e energia para promover sua vida saudável e produtiva. Durante este período, o trabalho e as relações familiares confrontam-se com os deveres de cuidado e uma gama cada vez maior de obrigações e responsabilidades, interesses e celebrações.³³

A faixa-etária presente nessa fase, corresponde ao momento em que inúmeros acontecimentos se dão na vida do ser humano, sendo alguns deles: casamento, filhos, trabalho, conquistas individuais, dentre outras. Não podendo esquecer que, ainda dentro desse estágio, há a análise do que foi vivido até então e o desejo de passar seus saberes para a próxima geração.

Em contrapartida, ao se pensar no lado negativo de toda ação da generatividade empregada, na crise desse estágio, surge a estagnação, conforme a descrição de Erikson e Erikson (1998), sentimento esse responsável pela sensação

³³ The stage of generativity claims the longest stretch of time on the chart —thirty years or more, during which one establishes a working commitment and perhaps begins a new family, devoting time and energy to furthering its healthy and productive life. During this period work and family relationships confront one with the duties of caretaking and a widening range of obligations and responsibilities, interests, and celebrations. (ERIKSON; ERIKSON 1998, p. 102).

de que nada significativo foi construído ao longo da vida, pelo sentimento de solidão que se instaura, pelo fato de não possuir alguém de sua linhagem para passar ensinamentos, bem como ter vivido uma vida inteira e, no final dela, não sentir todas as coisas que realizou durante ela. De acordo com Leite e Silva (2019, p. 156): “[...] à medida que o indivíduo envelhece o seu envolvimento com as novas gerações pode se perder, o que era o sentimento de estagnação, por não se sentirem mais necessário”.

Ao avaliarmos esse estágio considerando as novas conjunturas do tempo presente, vê-se o quão modificados os “fins” desta fase estão, pois, casar e ter filhos não se configuram mais como o grande sucesso desse período, das as modificações e conquistas de direitos sociais que permeiam todo século XXI, trazendo novas dimensões para as futuras gerações com novas configurações e objetivos de vida.

3.1.8. Integridade x Desespero - Sabedoria

A oitava fase ocorre após os sessenta anos de idade, envolta por sentimentos melancólicos relacionados à toda vida percorrida até o momento. Para Erikson e Erikson (1998) a definição de "sabedoria" afirma que a mesma repousa na capacidade de ver, olhar e lembrar, assim como de ouvir, ouvir e lembrar. Refletir sobre suas realizações e momentos da vida é o ponto central desse estágio, por conta disso, Rabello e Passos (2007), relatam que o sujeito pode entrar em desespero pelo seu tempo estar acabando, um sentimento de inutilidade pode surgir, o fazendo pensar que não é possível fazer mais nada no meio social vivido e o deixando triste por estar na velhice. Por outro lado, segundo os referidos autores, quando a passagem por esse período é positiva, o sentimento de dever cumprido emerge e a sabedoria se torna uma construção de experiências vivenciadas ao longo da vida.

Se faz necessário também ressaltar a relevância da visão da sociedade frente aos mais velhos, visto a possibilidade de uma visão negativa permear essa faixa-etária, vendo os idosos como pessoas lentas, fracas, esquecidas, dentre outras características depreciativas. Para além disso, Carpigiani (2010) ressalta que também pode haver uma visão diferente acerca do idoso, entendendo-o como alguém sábio, ético, virtuoso, íntegro, que contribuiu para as tradições e para o conhecimento ao seu redor. Esse movimento de valorização ou de desvalorização da velhice, será efetivado por meio da cultura da sociedade na qual o idoso está inserido.

3.1.9. Gerotranscendência

Os estágios do desenvolvimento psicossocial descritos por Erikson se findam no oitavo estágio, porém, sua esposa Joan M. Erikson, ao revisar os estágios já concebidos, conceituou um nono estágio, a gerotranscendência, conforme expresso no livro *O ciclo da Vida*, lançado em 1998.

Simplificando, "a gerotranscendência é uma mudança em meta perspectiva, de uma visão materialista e racional para uma visão mais cósmica e transcendente, normalmente seguida de um aumento na satisfação de vida. Dependendo da definição de "religião", a teoria da gerotranscendência pode ou não ser considerada como uma teoria de religião desenvolvimento. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 111, tradução nossa).³⁴

A gerotranscendência seria um momento da existência no qual a perspectiva em relação à vida mudaria profundamente, pois o sujeito passaria do período em que ainda quer fazer mais na sua vida, para um momento de viver o presente, de olhar para tudo o que passou, de tentar compreender os acontecimentos que o levaram até onde está. A gerotranscendência seria, em acordo com o descrito pelos autores em questão, o estágio mais avançado da maturação e da sabedoria.

Em relação às condições que permeiam a velhice, Erikson e Erikson (1998, p. 113, tradução nossa) diz que:

Afortunados são aqueles que têm o luxo de optar por se aposentar e escolher pelo retiro. Muitos idosos são confrontados com a aposentadoria e ida para um asilo de maneira forçada. A deterioração física dos olhos, ouvidos, dentes, ossos, todos os sistemas do corpo muitas vezes infligem uma inevitável redução no contato com os outros e com o mundo exterior. As respostas emocionais e psicológicas ao declínio também podem inibir o alcance do contato. É claro que tudo isso é agravado pela sociedade, que muitas vezes coloca os mais velhos onde eles raramente são vistos ou ouvidos. As diferenças entre a retirada escolhida e a imposta na órbita de uma instalação de enfermagem são claras.³⁵

³⁴ Simply put, 'gerotranscendence is a shift in meta perspective, from a materialistic and rational vision to a more cosmic and transcendent one, normally followed by an increase in life satisfaction. Depending on the definition of "religion," the theory of gerotranscendence may or may not be regarded as a theory of religious development. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 111).

³⁵ Fortunate are those who have the luxury to choose to withdraw. Many elders are faced with enforced withdrawals. Physical deterioration of eyes, ears, teeth, bones, all the body's systems often inflicts an inevitable reduction in contact with others and the outside world. Emotional and psychological responses to decline may also inhibit one's range of contact. Of course this is all compounded by society, which often places elders where they are rarely seen or heard. The differences between chosen and imposed withdrawal in the orbit of a nursing facility are clear. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p.113).

No decorrer da vida, principalmente nessa fase da velhice, existe um processo chamado de retirada, que se trata de se retirar das atividades que já não são tão atrativas e possíveis na opinião da pessoa. Porém, algumas dessas retiradas acontecem de maneira brusca com os mais velhos. É notório que com o passar do tempo, os idosos começam a ter falhas na visão, na audição, no corpo, possuem um ritmo mais lento e, por conta disso, eles automaticamente são dispensados das suas atividades, muitas dessas atividades são simples como: caminhar, comer sozinho, vestir-se, entre outras. Quando essa retirada forçada acontece, muitas vezes os idosos são mandados para lugares isolados, onde quase não possuem contato com outras pessoas, a não ser enfermeiros e pessoas que vivem na mesma instalação.

Segundo Erikson e Erikson (1998) aprendemos que para completar nossas vidas, somos chamados a dar aos outros, para que, quando deixarmos este mundo, possamos ser o que demos. A vida faz com que se tenha vontade de ser cada vez mais humano para uma busca de satisfação por tudo o que se percorre. No começo, a pessoa é aquilo que foi dado a ela, já quando está na meia idade, ela começa a pensar na vida de uma maneira diferente, querendo ter atitudes e fazer coisas as quais deixem marcas para o seu futuro, vai construindo seu legado. O pensamento muda para: como serei lembrado depois que partir?

Envelhecer, por mais difícil que pareça em alguns momentos, é uma das coisas mais gratificantes da vida, segundo Erik Erikson. Poder olhar para todo o seu caminho, compreender acontecimentos ao longo da vida, obter um arcabouço de histórias para contar, revisitar as memórias sem deixar de viver o presente, é um grande privilégio. É o período ao qual se agradece por cada pedra no caminho que o permitiu chegar onde está hoje. E mesmo envolvido por toda essa nostalgia da recordação, ainda há passos a serem dados, há um lugar para chegar, para aproveitar cada minuto que se tem de vida pela frente. (ERIKSON; ERIKSON, 1998).

Olhando a velhice como um momento de revisitação ao que se viveu, Erikson e Erikson (1998, p. 116, tradução nossa) descrevem o momento da gerotranscendência como:

E assim você define seu rumo com o rosto voltado para o sol nascente, seus olhos alerta para as pedras soltas escorregadias, sua respiração relutante em manter o ritmo. Você é forçado a desacelerar e reconfirmar sua decisão de prosseguir. Sempre os impulsos sintônicos e distônicos, para prosseguir ou ceder, lutar pelo controle e pela vontade de fazer o bem. Você é desafiado e testado. Esta tensão, quando é focalizada e controlada, é a própria raiz do

sucesso. Cada passo é um teste de soberania sintônica e de força de vontade.³⁶

Em cada uma das fases do desenvolvimento psicossocial aqui descritas, os momentos presentes e a elas particulares, contribuem para a formação do idoso no período da gerotranscendência, independente do sentimento que o permeará nesse período, ter conhecimento sobre todo o caminho percorrido ao longo da vida será refletido em suas próprias ações e sentimentos na velhice.

3.2. IDADE ESCOLAR E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UM PROCESSO INDISSOCIÁVEL

Erikson escreveu sua teoria do desenvolvimento psicossocial pensando e contemplando as crises presentes em cada estágio, estágios esses, que perduram por toda vida do ser humano, tal qual já citado. Um aspecto de extrema importância a ser analisado nesse movimento é o ego relacionado ao caráter, como apontado por Erikson e Erikson (1998), uma construção conjunta com o que se passa no superego, sendo ele o responsável por uma moral que implica nas atitudes e condutas do sujeito. A teoria eriksoniana, mesmo não sendo específica para o âmbito educacional, tem forte afinidade com a educação visando a formação do humano, formulando etapas necessárias para o desenvolvimento do ser humano, e tendo como direção essencial nesse processo à compreensão de como ele ocorre ao longo da vida, juntamente com a educação em que o indivíduo tiver acesso (NASCIMENTO; ALVES; POLICARPO JÚNIOR, 2015).

Para pensar como ocorre essa construção, é pertinente pontuar a respeito do superego da criança ser espelhado no superego dos pais, como Erikson e Erikson (1998) explicam que o superego do filho tende a se integrar com o superego dos pais por meio da transmissão de aspectos culturais e morais, como se esses aspectos, ocupassem o mesmo espaço, tendo a mesma importância que tem para os pais só que nos filhos, sendo através desse movimento que tradições são mantidas de

³⁶ And so, you set your course with your face to the rising sun, your eyes alert for the slippery loose stones, your breath reluctant to maintain the pace. You are forced to slow down and reconfirm your decision to proceed. Always the syntonic and dystonic impulses, to proceed or to give in, wrestle for control and the will to make good. You are challenged and tested. This tension, when it is focused and controlled, is the very root of success. Every step is a test of syntonic sovereignty and will power. (ERIKSON, 1998, p. 116).

geração em geração. Erik Erikson e Joan Erikson registram a seguinte concepção freudiana acerca do processo histórico e de seu impacto indivíduo, ao fazer menção à:

[...] força interior que exerce tal pressão moralista sobre nossa vida interior que o ego deve se defender contra ela a fim de estar relativamente livre da supressão interior paralisante. Freud, em seguida, se poupa brevemente às "visões materialistas da história" que, segundo ele, enfatizam a supressão política, afirmando que "as 'ideologias' humanas nada mais são do que o produto e a superestrutura de suas condições econômicas contemporâneas". (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 85, tradução nossa).³⁷

Tais contribuições citadas, demonstram que a humanidade não vive exatamente o presente, mas sim, se aloca no passado com suas raízes, cultura, povo, tendo o passado como uma tradição, não podendo se desvincular dos momentos históricos já vividos. Segundo Erikson e Erikson (1998), o superego cede de maneira lenta às novas influências e mudanças da contemporaneidade, determinando um papel de extrema relevância na vida humana, dado a sociedade transbordar em inovações.

Ao tratar do desenvolvimento e do superego, Erikson e Erikson (1998, p. 85-86, tradução nossa) enfatizam que:

[...] o que detectamos no superego como remanescentes dos anos da infância são, como sugere Freud, não apenas o reflexo de ideologias vivas, mas também de ideologias antigas que já se tornaram moralismos. Para o superego, um equilíbrio entre a fase imaginativa edipiana e a crise infantil de iniciativa *versus* culpa é capaz de enfatizar, acima de tudo, uma rede de limitações que obstaculiza a iniciativa lúdica e ajuda a estabelecer uma orientação moral ou moralista.³⁸

Como citado acima, o superego, já na infância atribui inúmeras características presentes no meio social vivido, principalmente, no âmbito familiar, cria uma base de normas e condutas, formações essas, que guiam seus comportamentos e atitudes.

³⁷ [...] that inner agency that exerts such moralistic pressure on our inner life that the ego must defend itself against it in order to be relatively free from paralyzing inner suppression. Freud then spars briefly with the "materialistic views of history" that, he says, emphasize political suppression by claiming that "human 'ideologies' are nothing other than the product and superstructure of their contemporary economic conditions". (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 85).

³⁸[...] what we detect in the superego as remnants of the childhood years is, as Freud suggests, not only the reflection of living ideologies, but also of old ones that have already become moralisms. For the superego, a balancing of the imaginative oedipal stage and the infantile crisis of initiative vs. guilt is apt to emphasize, above all, a network of prohibitions that must fence in an all too playful initiative and help to establish a basic moral or even moralistic orientation. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 85-86).

Ao se olhar para essas mudanças do superego e suas implicações nas condutas desde a infância, faz-se necessário uma atenção à idade escolar que será vivenciada e todas as atribuições que acontecerão nesse período, principalmente com relação à formação da identidade.

Como marco do começo da identidade, Erikson (1977), explica que a identidade resultante da infância faz correlação com os estágios vividos durante esse período, no momento em que ocorre uma autopercepção da criança, com sua noção corporal e os estímulos culturais que recebem dos pais, fazendo já uma ponte com estágios futuros, devido aos inúmeros papéis sociais apresentados a ela em seu meio social vivido. Com relação à noção corporal ou ao eu corporal, mencionado por Erikson, há o seguinte registro:

Uma criança que acaba de se ver capaz de caminhar, mais ou menos persuadida ou ignorada por aqueles ao seu redor, parece impelida a repetir o ato para o puro deleite de funcionar, e pela necessidade de dominar e aperfeiçoar uma função recém-iniciada. Mas ela também age sob a consciência imediata do novo status e estatura de "aquela que pode caminhar", com qualquer conotação que isso tenha nas coordenadas do espaço de sua cultura – em tempo será "aquele que irá longe", "aquele que será capaz de ficar de pé sobre seus próprios pés", "aquele que será reto", "aquele que deve ser vigiado porque pode ir longe demais". (ERIKSON, 1977, p. 211, tradução nossa).³⁹

Todo esse processo resulta na interiorização de uma versão particular de "aquele que pode caminhar", conforme relatado por Erikson (1977), tal visão é de extrema importância para o desenvolvimento infantil, contribuindo para a formação da autoestima realista e dos ganhos diários da evolução da criança. Para o referido autor, o crescimento dessa autoestima colabora para a visão de verdadeiro desenvolvimento, validando uma evolução exitosa perante a realidade social presenciada pela criança, surgindo o sentimento de pertencimento a determinado grupo.

A criança em crescimento deve, a cada passo, derivar um senso vitalizante de atualidade da consciência de que sua maneira individual de dominar a experiência (sua síntese de ego) é uma variante bem sucedida da identidade de um grupo, e está de acordo com seu espaço-tempo e plano de vida. Nesse

³⁹ A child who has just found himself able to walk, more or less coaxed or ignored by those around him, seems driven to repeat the act for the pure delight of functioning, and out of the need to master and perfect a newly initiated function. But he also acts under the immediate awareness of the new status and stature of 'one who can walk', with whatever connotation this happens to have in the coordinates of his culture's space- time be it 'one who will go far', 'one who will be able to stand on his own feet', 'one who will be upright', 'one who must be watched because he might go too far'. (ERIKSON, 1977, p. 211).

caso, as crianças não podem ser enganadas por elogios vazios e encorajamentos decrescentes. (ERIKSON, 1977, p. 212, tradução nossa).⁴⁰

Diante do exposto, nota-se como uma motivação é necessário na vida criança, como forma de encorajá-la a realizar os mais diversos desafios e situações que serão presentes em sua vida. Porém, esse incentivo precisa ser verdadeiro para que realmente aconteça o fortalecimento de seu ego. Portanto, para se identificar com inúmeros aspectos que estão presentes em seu meio e começar a construção de sua identidade, dependerão das crises que irão ocorrer em determinado momento da fase vivida, como explicado por Erikson (1977, p. 215, tradução nossa):

Uma criança tem uma série de oportunidades para se identificar, mais ou menos experimentalmente, com hábitos, traços, ocupações, e ideias de pessoas reais ou fictícias de ambos os sexos. Certas crises irão forçá-lo a fazer seleções radicais. Entretanto, o histórico em que ele vive oferece apenas um número limitado de modelos significativos para combinações viáveis de fragmentos de identificação.⁴¹

Dado o exposto, é notório como a formação da identidade está ligada ao passado e atribuições presentes nos determinados momentos vividos até então, com a estrutura na qual o ego estará presente no decorrer da maturação, significando assim, a identidade ser uma junção de passado e presente, de acordo com as características que forem apresentadas pelo ego na ocasião da crise.

Pensando sobre as implicações de inúmeros fatores presentes no contexto que é vivido pela criança, cabe falar sobre os estágios que contemplam a infância e a construção da identidade na idade escolar, até o período da adolescência. Rodrigues e Melchiori (2018, p. 7) falam sobre os comportamentos pró-sociais, observados na escola, como sendo: “[...] aqueles que promovem interações sociais que oportunizam a aprendizagem de outros comportamentos, ajudam as crianças a tornarem-se mais empáticas em situações sociais, livres de emoções negativas e competentes para enfrentar os problemas de maneira mais construtiva”.

⁴⁰ The growing child must, at every step, derive a vitalizing sense of actuality from the awareness that his individual way of mastering experience (his ego synthesis) is a successful variant of a group identity and is in accord with its space-time and life plan. In this children cannot be fooled by empty praise and condescending encouragement. (ERIKSON, 1977, p. 212).

⁴¹ A child has quite a number of opportunities to identify himself, more or less experimentally, with habits, traits, occupations, and ideas of real or fictitious people of either sex. Certain crises force him to make radical selections. However, the historical era in which he lives offers only a limited number of socially meaningful models for workable combinations of identification fragments. (ERIKSON, 1977, p. 215).

Como já mencionado, a teoria desenvolvida por Erikson, é composta por oito estágios, os quais perduram por toda vida do ser humano, cada um deles com a importância devida. Iniciativa x Culpa é o terceiro estágio na teoria, ocorrendo dos três aos seis anos de idade. Erikson (1977), ao mencionar o referido período, comenta que em cada etapa vivida no desenvolvimento da criança, um novo acontecimento, um novo salto surge e traz novidades para o processo. Segundo o referido autor, o momento da crise acontece e é resolvida conforme a criança “cresce junto”, interligando o crescimento corporal e o pessoal, sendo que nessa fase, a criança possui características mais singulares. Brandão (2007) destaca o fato da educação não ser singular, mas sim, plural aliando-se ao desenvolvimento das potencialidades das crianças na escola.

A iniciativa nesse momento, segundo Erikson (1977), agrega autonomia à criança, despertando em seu interior a vontade de realizar determinada atividade, com todo ânimo que julgue necessário para cumpri-la. Com relação a essa iniciativa comentada, o referido autor coloca que

[...] a própria palavra "iniciativa", para muitos, tem uma conotação americana e industrial. No entanto, a iniciativa é uma parte necessária de cada ato, e o ser humano precisa de um senso de iniciativa para o que quer que aprenda e faça, desde a coleta de frutas até um sistema de empreendimento. A etapa ambulatorial e a da genitalidade infantil acrescentam as características comuns das modalidades sociais básicas, o de "fazer", primeiro no sentido de "estar no forno". Não existe uma palavra mais simples e forte para isso; ela sugere prazer no ataque e na conquista. No menino, a ênfase permanece nos modos fálico-intrusivos; na menina, ela se transforma em modos de "pegar" em formas mais agressivas de roubo ou na forma mais suave de se tornar atraente e cativante. (ERIKSON, 1977, p. 229-230, tradução nossa).⁴²

Mediante o exposto, vê-se uma conotação forte e marcante sobre a iniciativa, na maneira como ela ocorre e quais suas características quando é desenvolvida na criança, não só como uma força de vontade para determinado ato, mas como o sentimento de trabalho cumprido ao terminar uma tarefa específica ou superar um desafio. Em contrapartida, existe o sentimento de culpa que, nesse estágio, é o oposto

⁴² [...] the very word 'initiative', to many, has an American, and industrial, connotation. Yet, initiative is a necessary part of every act, and man needs a sense of initiative for whatever he learns and does, from fruit-gathering to a system of enterprise. The ambulatory stage and that of infantile genitality add to the inventory of basic social modalities that of 'making', first in the sense of 'being on the make'. There is no simpler, stronger word for it; it suggests pleasure in attack and conquest. In the boy, the emphasis remains on phallic-intrusive modes; in the girl it turns to modes of 'catching' in more aggressive forms of snatching or in the milder form of making oneself attractive and endearing. (ERIKSON, 1977, p. 229-230).

da iniciativa. Erikson e Erikson (1998) afirma que a culpa pode ser um perigo nessa fase, no momento em que ela ocorre ligada aos objetivos a serem alcançados e nos momentos ligados ao novo sentimento de poder – locomotor e mental. Em ocasiões de manipulação agressiva e coerção, que podem ir para além das capacidades do corpo e da mente, fazendo com que haja uma parada no sentimento de iniciativa, segundo o referido autor.

Com relação à crise que ocorre nesse estágio, Erikson (1977, p. 230, tradução nossa) relata que:

Enquanto a autonomia se concentra em manter os potenciais rivais afastados e, portanto, pode levar à raiva ciumenta mais frequentemente dirigida contra as invasões de irmãos mais jovens, a iniciativa traz consigo uma rivalidade antecipada com aqueles que estiveram lá primeiro e podem, portanto, ocupar com seu equipamento superior o campo para o qual a iniciativa é dirigida. Ciúmes e rivalidades infantis, essas tentativas muitas vezes amargas e, no entanto, essencialmente fúteis de demarcar uma esfera de privilégio inquestionável, chegam agora ao clímax numa disputa final por uma posição favorecida com a mãe; o fracasso habitual leva à resignação, à culpa e à ansiedade.⁴³

Como mencionado, a criança na faixa-etária indicada no referido estágio, por estar, em sua maioria, no contexto familiar, procura suprir seus objetivos e tarefas dentro desse ambiente, buscando não decepcionar ou perder a conexão criada com quem está cuidando e tendo contato com ele cotidianamente, com exceção das crianças que nessa idade já frequentam o ambiente escolar e possuem mais um ambiente, no qual adquirem comportamentos e traços que podem contribuir na construção de sua identidade.

[...] agora tão pronta para tomar parte em operações diversas, pode gradualmente desenvolver um senso de responsabilidade moral, onde ela pode ganhar alguma visão sobre as instituições, funções e papéis que irão permitir sua participação responsável, achará agradável [...] brinquedos significativos - e o cuidado para com crianças mais novas. (ERIKSON, 1977, p. 230-231, tradução nossa).⁴⁴

⁴³ While autonomy concentrates on keeping potential rivals out, and therefore can lead to jealous rage most often directed Against encroachments by younger siblings, initiative brings with it anticipatory rivalry with those who have been there first and may, therefore, occupy with their superior equipment the field towards which one's initiative is directed. Infantile jealousy and rivalry, those often embittered and yet essentially futile attempts at demarcating a sphere of unquestioned privilege, now come to a climax in a final contest for a favoured position with the mother; the usual failure leads to resignation, guilt, and anxiety. (ERIKSON, 1977, p. 230).

⁴⁴ [...] now so ready to overmanipulate himself, can gradually develop a sense of moral responsibility, where he can gain some insight into the institutions, functions, and roles which will permit his responsible participation, he will find pleasurable [...] in manipulating meaningful toys - and in caring for younger children. (ERIKSON, 1977, p. 230- 231).

Enfatizando ainda o contexto familiar no qual a criança está inserida, e as implicações desse convívio com as crises do ego e características do superego, Erikson (1977, p. 231, tradução nossa) comenta que:

Naturalmente, o ambiente parental é, a princípio, de natureza infantil: o fato da consciência humana permanecer parcialmente infantil ao longo da vida é o núcleo da tragédia humana. Pois o superego da criança pode ser primitivo, cruel e intransigente, como pode ser observado nos casos em que as crianças supercontrolam e constroem a ponto de se excluírem; elas desenvolvem uma super obediência mais literal do que a que os pais exatamente desejaram; ou desenvolvem regressões profundas e ressentimentos duradouros porque os próprios pais não parecem estar à altura da nova consciência.⁴⁵

Mediante o que foi mencionado mais as contribuições de Contrim e Parisi (1982), nota-se quão importante são as primeiras relações sociais da criança, que ocorrem no núcleo familiar, na construção de sua identidade, reforçando como as condutas vistas e a maneira pela qual a criança é tratada, refletem na sua própria noção de si, de condutas e moral. Mas o efeito da exposição ao meio externo familiar, também traz fortes características ao eu adulto, há um conflito residual da iniciativa que transparece uma negação histórica, causando uma repressão de algo que se deseja por conta do medo, inibição ou até sentimento de impotência.

Como o estágio discutido é o antecessor da idade escolar ou, em muitos casos, o início da idade escolar, é necessário olhar para o que antecede essa etapa que, mencionada por Erikson, é a brincadeira.

[...] a brincadeira é um ingrediente essencial em todas as etapas que virão. Mas justamente quando as implicações edipianas forçam uma forte limitação da iniciativa na relação da criança com as figuras parentais, o amadurecimento da brincadeira libera o pequeno indivíduo para uma dramatização na microsfera de um vasto número de identificações e atividades imaginadas. A idade da brincadeira, além disso, "ocorre" antes do advento limitante da idade escolar, com seus papéis de trabalho definidos, e da adolescência, com sua experimentação nos potenciais de identidade. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 71-72, tradução nossa).⁴⁶

⁴⁵ Naturally, the parental set is at first infantile in nature: the fact that human conscience remains partially infantile through-out life is the core of human tragedy. For the superego of the child can be primitive, cruel, and uncompromising, as may be observed in instances where children overcontrol and over constrict themselves to the point of self-obliteration; where They develop an over-obedience more literal than the one the parent has wished to exact; or where they develop deep regressions and lasting resentments because the parents themselves do not seem to live up to the new conscience. (ERIKSON, 1977, p. 231).

⁴⁶ [...] to the play age, in which the antithesis of initiative and guilt comes to its crisis. As we can only repeat, playfulness is an essential ingredient in all the stages to come. But just when oedipal implications

As brincadeiras e a ludicidade presentes ao longo da infância terão extrema relevância no que diz respeito aos encaminhamentos das crises ocorridas dentro de cada estágio, relacionando-se ao que efetivamente ficará marcado na identidade do sujeito. Papalia, Olds e Feldman (2006), explicam que quando a criança se relaciona com pares da mesma idade cronológica, adquirem sendo de identidade, habilidades de comunicação, liderança, cooperação e papéis, sendo um gigantesco aprendizado de comportamentos e de novas competências. Pensando em todos os aspectos englobados durante o estágio discutido até então – Iniciativa x Culpa –, Erikson (1977) discorre sobre a criança não estar preparada para receber e aprender inúmeras coisas visando o sentimento de plena compreensão ou de compartilhamento de ações, mas sim, a criança está instigada e com vontade de realizar tarefas de maneira cooperativa, combinando e socializando com outras crianças, observando comportamentos e condutas do professor. O qual no momento em que a criança passa a fazer parte do âmbito escolar, passa a ser um dos exemplos a serem seguidos no decorrer do desenvolvimento delas.

O segundo estágio presente na construção da identidade na idade escolar, como já explicado no texto é denominado diligência x inferioridade, sendo o quarto estágio na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson, acontecendo dos sete aos doze anos de idade. Erikson e Erikson (1998) relatam que nesse momento de inserção da criança no ambiente, inúmeros atributos são mudados para ela, até mesmo a concepção de ser livre, pois com o começo da participação na escola, a criança inicia seu processo de aceitação, já tendo boas condutas e comportamentos a serem realizados e internalizados. Como já mencionado, nessa faixa-etária, a criança se encontra no período da latência, conforme a psicanálise, no qual existe um salto intelectual e uma diminuição nos conflitos internos em relação às figuras parentais. Erikson (1977, p. 233, tradução nossa) escreve sobre o sujeito nessa fase:

Ele dominou o campo de experimentação e os modos de órgão. Ele experimentou um senso de finalidade em relação ao fato de que não existe um futuro viável dentro do útero de sua família, e assim fica pronto para se aplicar a determinadas habilidades e tarefas, que vão muito além da mera

force a strong limitation of initiative on the child's relation with parental figures, maturing play liberates the small individual for a dramatization in the microsphere of a vast number of imagined identifications and activities. The play age, furthermore, "occurs" before the limiting advent of the school age, with its defined work roles, and of adolescence, with its experimentation in identity potentials. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 71 – 72).

expressão lúdica de seus modos de órgão ou do prazer na função de seus membros. Ele desenvolve um senso de indústria - ou seja, ele se ajusta às leis inorgânicas do mundo das ferramentas. Ele pode se tornar uma unidade ávida e absorvida de uma situação produtiva. Levar uma situação produtiva até o fim é um objetivo que gradualmente supera os caprichos e desejos de jogo.⁴⁷

Por meio do fragmento acima, fica notório como a criança, como ser humano em desenvolvimento, já sofreu mudanças e adquiriu novos objetivos, novas formas de continuar sua evolução após as conquistas até então ganhas, tendo ampliado os limites presentes no ego agora voltados para a aquisição de habilidades de trabalho, ou seja, habilidades que o mostram o prazer da finalização das tarefas.

Analisando as atribuições das culturas presentes nas mais diversas sociedades, Erikson e Erikson (1998) relatam que as crianças recebem várias instruções sistemáticas sobre determinadas ações, ações essas, que normalmente fazem parte do seu meio social, muitas vezes, não empregada por um professor, dentro de uma escola, mas numa troca feita com os mais velhos, sendo: irmãos, pais, amigos, enfim, pessoas mais velhas que transmitam conhecimentos específicos sobre a atividade em questão. Já com o olhar direcionado para a escola, o referido autor, comenta que a escola parece ser uma cultura por si só, tendo seus próprios objetivos, limites, decepções, conquistas, visões, inúmeras características e habilidades específicas presentes no âmbito escolar, que fazem com que a educação mais especializada seja realizada com o aluno.

A crise presente nesse estágio se refere ao sentimento inferioridade, como citado por Erikson (1977, p. 233, tradução nossa):

O perigo da criança, nesta fase, reside em uma sensação de inadequação e de inferioridade. Se ela desperdiça suas competências e habilidades ou seu status entre seus parceiros de ferramentas, pode ser desencorajada em se identificar com eles e com uma parte do mundo das ferramentas. Perder a esperança de tal associação "industrial" pode levá-lo de volta à rivalidade familiar, mais isolada e menos consciente das ferramentas do tempo edipiano.⁴⁸

⁴⁷ He has mastered the ambulatory field and the organ modes. He has experienced a sense of finality regarding the fact that there is no workable future within the womb of his family, and thus becomes ready to apply himself to given skills and tasks, which go far beyond the mere playful expression of his organ modes or the pleasure in the function of his limbs. He develops a sense of industry - i.e., he adjusts himself to the inorganic laws of the tool world. He can become an eager and absorbed unit of a productive situation. To bring a productive situation to completion is an aim which gradually supersedes the whims and wishes of play. (ERIKSON, 1977, p. 233).

⁴⁸ The child's danger, at this stage, lies in a sense of inadequacy and inferiority. If he despairs of his tools and skills or of his status among his tool partners, he may be discouraged from identification with them and with a section of the tool world. To lose the hope of such 'industrial' association may pull him

O sentimento de inferioridade surge no indivíduo na maneira em que ele não cumpre as expectativas presentes em seu determinado grupo social, pois como a criança precisa ser notada por alguma ação feita, quando não há esse reconhecimento, ela não coloca significado em suas ações, permanecendo então, apenas o sentimento de “fazer por fazer”, caracterizado por esse desperdício de empenho em tentar se encaixar no ambiente.

Nessa lógica de explicação desse estágio como uma indústria, Erikson (1977) pontua que como a indústria num todo engloba concluir afazeres individuais e no coletivo, é nesse momento que o primeiro sentimento de divisão do trabalho surge, tal qual, o ato de renovar, com novas ideias, comportamentos e condutas. Outro marco do estágio, para o referido autor, é que seu senso de identidade do sujeito será construído – também – por influência do que os outros que convivem com ele pensam, por exemplo, a moda, poder aquisitivo, dentre outros pontos deste convívio em sociedade. Contrim e Parisi (1982) concordam com o pensamento de Erikson sobre a aprendizagem, não só de ações específicas mecânicas como o ato de fazer algo, mas também sobre a aprendizagem de maneiras e condutas. Segundo os autores o processo se divide em duas fontes básicas: a experiência singular e individual, que volta para uma aprendizagem independente; e a transferência de conhecimentos de sujeito para sujeito, compartilhando o que se sabe.

Dentre os três estágios componentes da idade escolar, o discutido acima é o mais tranquilo em termos de expressões e comportamentos, pois é como se fosse uma pequena pausa no turbilhão que tem sido desde que o ser humano está em desenvolvimento, como se deixasse guardada toda essa energia do novo para o próximo estágio da adolescência, estágio esse, repleto de explosões e expressões, assim como citado por Erikson (1977, p. 234, tradução nossa):

Esta etapa difere das anteriores na medida em que não se trata de um balanço de uma convulsão interna para um novo domínio. Freud a chama de estágio de latência porque os acionamentos violentos normalmente estão adormecidos. Mas é apenas uma pausa antes da tempestade da puberdade, quando todos os impulsos anteriores reaparecem em uma nova combinação, para serem trazidos sob o domínio da genitalidade.⁴⁹

back to the more isolated, less tool-conscious familial rivalry of the oedipal time. (ERIKSON, 1977, p. 233).

⁴⁹ This stage differs from the earlier ones in that it is not a swing from an inner upheaval to a new mastery. Freud calls it the latency stage because violent drives are normally dormant. But it is only a lull

Por meio do exposto anteriormente, o último estágio por nós tomado a fim de discutir a formação da identidade nos anos escolares é o quinto da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson, denominada “Identidade x confusão de identidade”, que ocorre a partir dos doze anos de idade e vai até os dezoito anos, no período chamado adolescência.

Com o final da infância declarado, um novo momento se inicia para a criança que, segundo Erikson (1977), já adquiriu uma boa comunicação com o mundo que a cerca, com as habilidades desenvolvidas, o surgimento da puberdade se faz presente trazendo novos questionamentos ao indivíduo, iniciando assim, a juventude. Silva, Marques e Dantas (2015) corroboram com o pensamento de Erik Erikson ao falar sobre o adolescente ser um humano dotado de sonhos, expectativas, anseios, necessidades, interações sociais, valores e crenças que o situa no mundo real mutável, repleto de transformações. Os autores também afirmam sobre a adolescência ser um período de transição entre a infância e a vida adulta nada estável, fazendo com que o desenvolvimento da identidade nesse momento ocorra diferentemente nas mais diversas culturas e meio sociais existentes.

Mas na puberdade e na adolescência, todas as mesmices e continuidades em que se baseou anteriormente são mais ou menos questionadas novamente, por causa de uma rapidez de crescimento corporal que se iguala à da primeira infância e por causa da nova adição de maturidade genital. Os jovens em crescimento e desenvolvimento, confrontados com esta revolução fisiológica dentro deles, e com tarefas adultas tangíveis à sua frente, estão agora principalmente preocupados com o que eles parecem ser aos olhos dos outros em comparação com o que eles sentem ser, e com a questão de como conectar os papéis e habilidades cultivados anteriormente com os protótipos ocupacionais do dia. (ERIKSON, 1977, p. 235, tradução).⁵⁰

Como relatado pelo autor, a adolescência é um novo momento no qual há uma necessidade de aceitação pelos que estão à sua volta, o que emerge e de uma maneira mais forte do que no estágio anterior, devido às drásticas mudanças físicas

before the storm of puberty, when all the earlier drives re-emerge in a new combination, to be brought under the dominance of genitality. (ERIKSON, 1977, p. 234).

⁵⁰ But in puberty and adolescence all samenesses and continuities relied on earlier are more or less questioned again, because of a rapidity of body growth which equals that of early childhood and because of the new addition of genital maturity. The growing and developing youths, faced with this physiological revolution within them, and with tangible adult tasks ahead of them are now primarily concerned with what they appear to be in the eyes of others as compared with what they feel they are, and with the question of how to connect the roles and skills cultivated earlier with the occupational prototypes of the day. (ERIKSON, 1977, p. 235).

e emocionais ocorridas durante o período em questão, podendo citar as demandas adultas que são impostas aos jovens, caracterizados como alguém que já pode definir rumos ao seu futuro. Pensando em lidar com os novos questionamentos que surgiram, Erikson (1977) aponta que o adolescente ainda precisa enfrentar dúvidas e batalhas dos estágios anteriores, mas agora, com novos focos de atenção, atribuindo novas pessoas, ídolos, líderes conhecidos por ele, para tentar manter sua identidade já construída até então. No momento da adolescência, a integração não é somente a união de todas as identificações da infância, mas como pontuado por Erikson (1977, p. 235, tradução nossa):

É a experiência acumulada da capacidade do ego de integrar todas as identificações com as vicissitudes da libido, com as aptidões desenvolvidas a partir do dom, e com as oportunidades oferecidas nas funções sociais. O senso de identidade do ego, portanto, é a confiança acumulada de que a semelhança interior e a continuidade do significado de uma pessoa para os outros, como evidenciado na promessa tangível de uma "carreira".⁵¹

Ou seja, é a junção do que já foi vivido, com novas atribuições características do estágio, voltado para uma identidade em construção de algo a concretizar o que já se está moldado e novas implicações que se agregaram no decorrer das vivências dos anos correspondentes ao estágio discutido. Bordignon (2007) ressalta, juntamente ao que foi relatado por Erik Erikson, que tudo o que foi apreendido em fases anteriores colabora para a solução das próximas crises que surgirão, sendo, inclusive, as novas crises uma oportunidade de solucionar os dilemas de fases anteriores. Com relação a crise existente nesse período, a confusão de papéis é explicada da seguinte maneira:

O perigo desta etapa é a confusão de papéis. Quando isto se baseia em uma forte dúvida anterior sobre a identidade sexual, não são incomuns os episódios de delinquência e de psicose. Se diagnosticados e tratados corretamente, esses incidentes não têm o mesmo significado fatal que têm em outras idades. Na maioria dos casos, no entanto, é a incapacidade de estabelecer uma identidade ocupacional que perturba os jovens individualmente. Para se manterem juntos, eles se identificam temporariamente de forma exagerada, ao ponto de uma aparente perda

⁵¹ It is the accrued experience of the ego's ability to integrate all identifications with the vicissitudes of the libido, with the aptitudes developed out of endowment, and with the opportunities offered in social roles. The sense of ego identity, then, is the accrual confidence that the inner sameness and continuity of meaning for others, as evidenced in the tangible promise of one's a 'career' (ERIKSON, 1977, p.235).

completa de identidade, com os heróis atuais das multidões. (ERIKSON, 1977, p. 235, tradução nossa).⁵²

Portanto, assim como relatado pelo autor, o fato do adolescente estar exposto a inúmeras identificações diferentes por meio do grupo social no qual ele vive, um excesso de informações se instaura, deixando-o confuso com relação a si próprio, pois a necessidade de ser aceito por determinado grupo, fará com que ele tente internalizar tudo o que é visto, vivido, feito por um grupo seletivo, podendo esquecer e confundir tudo o que já foi construído até então, se perdendo em meio a tantos estímulos presentes. E nesse trâmite de tentar se encontrar e internalizar comportamentos novos por meio da convivência, ocorre o advento do amor, como comentado por Erikson (1977), e esse movimento, direciona para a busca de alguém que seja parecido, com características semelhantes, como se pudesse se entender e olhar como ele mesmo é, baseando assim o amor jovem.

Na busca de aceitação pelos que o rodeiam, o adolescente pode ter condutas de exclusão perante outras pessoas diferentes. Segundo Erikson (1977), essa exclusão pode ocorrer pela cor de pele, cultura, gostos, por aspectos mínimos que fogem do que é “aceitável” no contexto social vivido ele por, demarcando quem está “dentro” ou “fora” do que se é descolado. Porém, para o referido autor, não se pode entender de maneira errônea esse comportamento, pois ele acontece como uma forma de se defender de uma confusão de identidade.

A mente adolescente é essencialmente uma mente da moratória, um estágio psicossocial entre a infância e a vida adulta e entre a moralidade aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida pelo adulto. É uma mente ideológica - e, de fato, é a perspectiva ideológica de uma sociedade que fala mais claramente ao adolescente que está ansioso para ser afirmado por seus pares, e está pronto para ser confirmado por rituais, credos e programas que ao mesmo tempo definem o que é maligno, assombroso e hostil. (ERIKSON, 1977, p. 236, tradução nossa).⁵³

⁵² The danger of this stage is role confusion. Where this is based on a strong previous doubt as to one's sexual identity, delinquent and outright psychotic episodes are not uncommon. If diagnosed and treated correctly, these incidents do not have the same fatal significance which they have at other ages. In most instances however, it is the inability to settle on an occupational identity which disturbs individual young people. To keep themselves together they temporarily overidentify, to the point of apparent complete loss of identity, with the heroes of cliques and crowds. (ERIKSON, 1977, p. 235).

⁵³ The adolescent mind is essentially a mind of the moratorium, a psychosocial stage between childhood and adulthood, and between the morality learned by the child, and the ethics to be developed by the adult. It is an ideological mind - and, indeed, it is the ideological outlook of a society that speaks most clearly to the adolescent who is eager to be affirmed by his peers, and is ready to be confirmed by rituals, creeds, and programmes which at the same time define what is evil, uncanny, and inimical. (ERIKSON, 1977, p. 236).

A adolescência, como mencionado pelo autor, é uma fase na qual há diversas cargas envolvidas, é o fim da infância e o começo da vida adulta, mesmo que a adolescência propriamente dita, não tenha um marco exato de finalização, mas prevê esse fim com a independência emocional, afetiva e econômica conquistada, com o poder de voto, de responsabilização frente à legislação, dentre outras características. (RODRIGUES; MELCHIORI, 2018). Essa demanda envolvida recai sobre o adolescente e faz parecer um momento de preparação que precisa ser vivenciado, para conseguir alinhar tudo o que foi vivido com esperanças e novas atribuições que ainda virão, como se já tivesse que sair preparado da fase da adolescência, sempre na busca de valorização social, que auxiliaria na manutenção da identidade criada até o momento, criando o dever dos jovens: “[...] de alguma forma, serem capazes de convencer a si mesmos de que aqueles que são bem sucedidos, em seu mundo adulto antecipado, assumem assim a obrigação de serem os melhores”. (ERIKSON, 1977, p. 236-237, tradução nossa).

Erikson pontua uma visão sobre adolescência da seguinte maneira:

[...] eu consideraria então a adolescência como a etapa da vida aberta tanto cognitiva quanto emocionalmente para novas imagens ideológicas aptas a mobilizar as fantasias e energias da nova geração. Dependendo do momento histórico, isto irá confirmar ou contestar alternadamente a ordem existente, ou prometer uma ordem futura, mais radical ou mais tradicional, e assim, ajudar a superar a confusão de identidade. Além disto, porém, situa-se para a idade adulta - exatamente na medida em que superou seu excesso de moralismo infantil ou do ideologismo adolescente - a potencialidade de um senso ético conforme os compromissos generativos dessa etapa e com a necessidade de um mínimo de planejamento maduro e de longo alcance em acordo com a realidade histórica. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 86, tradução nossa).⁵⁴

O trecho acima salienta o movimento ocorrido durante a adolescência, movimento esse, que consiste em diversos incentivos, dos mais variados grupos sociais vividos pelo adolescente. Porém, faz-se necessário observar todos os estímulos, principalmente, o contexto histórico presenciado, o qual influencia na

⁵⁴ [...] I would then consider adolescence the life stage wide open both cognitively and emotionally for new ideological imageries apt to marshal the fantasies and energies of the new generation. Depending on the historical moment, this will alternately confirm or protest the existing order or promise a future one, more radical or more traditional, and thus help to overcome identity confusion. Beyond this, however, we may allocate to adulthood—exactly insofar as it has outgrown its excess of infantile moralism or of adolescent ideologism—the potentiality of an ethical sense consonant with the generative engagements of that stage and with the necessity for a modicum of mature and far-reaching planning in accord with historical reality. (ERIKSON; ERIKSON, 1998, p. 86).

intensidade de tais estímulos e como vão refletir na realidade do sujeito, pois é de marcos relevantes, que a moral, condutas e opiniões são construídas, implicando, inclusive, na crise presente nesse estágio, visto que a idade adulta está cada vez mais perto e as responsabilidades começam a surgir. Analisando essa perspectiva citada pelo autor, pode-se ver que o senso de responsabilidade e compromisso com seus ideais se dá de acordo como essas relações acontecem e são por ele internalizadas, caminhando assim, para um modelo de adulto a se tomar como exemplo e seguir.

Dadas as informações apresentadas até então, cabe falarmos sobre a identidade e de que maneira essa construção ocorre, suas características e atributos singulares à luz de Erik Erikson. Erikson (1968), comenta que para entender esse conceito tão complexo da vida do ser humano, faz-se necessário compreender que a identidade não é algo imutável, que sempre terá as mesmas características, mas sim, como um resultado da junção de um todo, ou seja, a identidade pode sofrer alterações conforme novas situações forem vivenciadas e significativas para o indivíduo. Tais atributos referentes a identidade dizem respeito à toda sua construção, e cabe registrar uma diferença existente dentro desse conceito, que para assimilar:

[...] é necessário diferenciar entre identidade pessoal e identidade do ego. O sentimento consciente de ter uma identidade pessoal é baseado em duas observações simultâneas: a percepção da autoconfiança e continuidade da existência no tempo e no espaço, e a percepção do fato de que os outros reconhecem a mesma identidade e continuidade. O que eu chamei de identidade do ego, entretanto, diz respeito mais do que ao simples fato de existir; é, por assim dizer, a qualidade do ego dessa existência. A identidade do ego, então, em seu aspecto subjetivo, é a consciência do fato de que há uma auto-similitude e continuidade nos métodos de sintetização do ego, o estilo de individualidade, e que este estilo coincide com a uniformidade e a continuidade do significado de uma para outras significações na comunidade imediata. (ERIKSON, 1968, p. 50, tradução nossa).⁵⁵

Conforme pontuado, a identidade pessoal se trata da percepção e continuidade dessa identidade, pois é nela que se tem a consciência de que as pessoas ao seu redor acompanham a mutação ou a estagnação do seu processo identitário. Já a

⁵⁵ [...] it is necessary to differentiate between personal identity and ego identity. The conscious feeling of having a personal identity is based on two simultaneous observations: the perception of the selfsameness and continuity of one's existence in time and space and the perception of the fact that others recognize one's sameness and continuity. What I have called ego identity, however, concerns more than the mere fact of existence; it is, as it were, the ego quality of this existence. Ego identity then, in its subjective aspect, is the awareness of the fact that there is a selfsameness and continuity to the ego's synthesizing methods, the style of one's individuality, and that this style coincides with the sameness and continuity of one's meaning for significant others in the immediate Community. (ERIKSON, 1968, p. 50).

identidade do ego é uma consciência do fato de que existe uma relação, na qual a formação que está moldando a identidade é a mesma que significará a sua existência, no meio em que se vive ou na sociedade como um todo.

Ao se olhar para o viés da convivência social, verifica-se ser extremamente importante para a construção dessa identidade, os anos em que a criança vai para a escola, são de grande relevância para tal, dado ao novo universo que lhe é apresentado.

Nada poderia expressar melhor o fato de que as crianças nesta idade gostam de ser moderadamente, mas firmemente instigadas à aventura de descobrir que se pode aprender a realizar coisas que nunca se pensaria por si mesmo, coisas que devem sua atração ao próprio fato de não serem produto de brincadeiras e fantasias, mas produto da realidade, da praticidade e da lógica; coisas que, assim, proporcionam um sentido simbólico de participação no mundo real dos adultos. (ERIKSON, 1968, p.127, tradução nossa).⁵⁶

O período da idade escolar é um dos que mais trará características na formação da criança como ser humano. É um tempo no qual a criança deixa seu ambiente de convívio habitual e passa a frequentar algo totalmente novo, com pessoas novas, efetivamente, um novo universo que será encontrado na escola. A observação e imitação dos colegas é extremamente mais apurada e se atenta a mínimos detalhes como gestos, olhares, falas e trejeitos. É um erro muito grande mostrar um mundo de conto de fadas para essas crianças, alegando que elas não compreenderão o que se passa no mundo real, mas o questionamento levantado é: como ela não vai entender se é o meio em que ela vive? É preciso compreender que a criança, não é alguém desvinculado da realidade, mas sim, alguém que está imerso em ambientes que proporcionam seu crescimento e pleno desenvolvimento.

Ao se analisar as características presentes na identidade do sujeito, não se pode negar as influências ocorridas por meio da pressão de outros pertencentes ao grupo social, como forma de tentar manter o indivíduo dentro da moral que julgam correta. Nesse sentido, Erikson escreve:

A comunidade apoia tal desenvolvimento na medida em que permite à criança, a cada passo, orientar-se para um "plano de vida" completo, com

⁵⁶ Nothing could better express the fact that children at this age do like to be mildly but firmly coerced into the adventure of finding out that one can learn to accomplish things which one would never have thought of by oneself, things which owe their attractiveness to the very fact that they are not the product of play and fantasy but the product of reality, practicality, and logic; things which thus provide a token sense of participation in the real world of adults. (ERIKSON, 1968, p.127).

uma ordem hierárquica de papéis, representado por indivíduos de diferentes idades. Família, vizinhança e escola proporcionam contato e identificação experimental com crianças mais novas e mais velhas e com jovens e adultos mais velhos. Uma criança, na multiplicidade de identificações sucessivas e tentativas, começa assim cedo a construir expectativas sobre como será ser mais velho e como será sentir-se mais jovem - expectativas que se tornam parte de uma identidade como são, passo a passo, verificadas em experiências decisivas de "aptidão" psicossocial. (ERIKSON, 1968, p. 161, tradução nossa).⁵⁷

Essas identificações citadas pelo autor, referem-se às influências e reflexos do meio no qual se vive, ou seja, são momentos em que o indivíduo reconhece comportamentos e reproduz, iniciando um julgamento de conduta, ansiando por sempre estar "dentro" do que é certo no ambiente por ele vivido. Erikson (1968) explica que as primeiras identificações ocorrem na relação da mãe com o bebê, e na reciprocidade envolvida nessa troca, pois são nessas circunstâncias que ocorrem o primeiro contato social da criança com outro ser humano.

Ao se falar de identidade e identificações, logo se fala sobre a pressão que a comunidade externa tem para com o indivíduo em desenvolvimento. Muito se espera de um jovem no auge de sua adolescência, para que cresça e se torne alguém "de bem", com valores e afins, mas se esquecem que cada vez que o sujeito perceber a pressão à qual está submetido, mais confuso ficará. Essa confusão não é totalmente ruim, pois desde criança se sofrem as implicações do meio e das pessoas de convívio, então essa desestabilização faz com que o jovem pense acerca do que está se tornando, visando pontos negativos e positivos de determinadas pessoas, escolhendo se quer ter uma conduta parecida ou diferente. São as experiências esses modelos pessoais, sejam eles reais ou da fantasia, que conduzem as mudanças de comportamento, de mentalidade, de credos e demais características que regem a formação da identidade. A identidade final, então, tal como fixada na conclusão da adolescência, é ordenada pelas identificações com indivíduos do passado: inclui as identificações significativas, mas também as altera de modo a fazer um todo único e razoavelmente coerente.

⁵⁷ The community supports such development to the extent that it permits the child, at each step, to orient himself toward a complete "life plan" with a hierarchical order of roles as represented by individuals of different ages. Family, neighborhood, and school provide contact and experimental identification with younger and older children and with young and old adults. A child, in the multiplicity of successive and tentative identifications, thus begins early to build up expectations of what it will be like to be older and what it will feel like to have been younger-expectations which become part of an identity as they are, step by step, verified in decisive experiences of psychosocial "fittedness". (ERIKSON, 1968, p.161).

Por meio do aqui discutido, verifica-se que a formação da identidade da pessoa sofre maior influência no período da idade escolar, visto que, nesse período de convivência externa, há uma expansão dos grupos sociais e novas identificações são apresentadas ao indivíduo, deixando marcas significativas em toda essa construção. Em acordo com o que foi visto e vivenciado, finaliza-se a estruturação de uma identidade na fase – mas, ressaltando que inúmeras implicações novas podem ser construídas – a qual dará sentido para esse momento de sua existência, para seus desejos e sonhos, expressando a pessoa que se formou. Para que esse processo da construção da identidade ocorra de maneira exitosa, as crises são de extrema importância nas passagens dos estágios, pois elas são as responsáveis pelo desenvolvimento do ego e pelas características específicas que perduram ao longo da vida do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o objetivo de discutir como ocorre o processo de formação da identidade na idade escolar e as implicações da crise ao longo desse processo. Como embasamento teórico para explicar a formação da identidade foi utilizada a teoria psicossocial de Erik Erikson. Ao longo da escrita do trabalho, foi evidenciado o quanto o ambiente externo e social, no qual o ser humano está inserido, exerce influência sobre o mesmo, atribuindo-lhe condutas, moral, ações, que o façam se sentir acolhido e integrado ao grupo social vivido.

Conforme relatado no trabalho, Erikson baseou sua teoria em Freud e na psicanálise, sendo ela uma grande aliada para o que é apresentado na teoria psicossocial, pois o ego é o foco maior de toda teoria, cada crise presente nos estágios faz com que aconteça o amadurecimento do ego. Outro ponto destacado na pesquisa, diz respeito a como a teoria psicosexual de Freud colabora para a compreensão da teoria de Erikson, pois os modos posturais e de desenvolvimento biológico, são fatores que refletem no comportamento e na inserção do grupo social vivido, pois desde cedo são ensinadas às crianças maneiras de se portar e agir corretamente, ou melhor, de maneiras de aceitar a sociedade vivida, respeitando a cultura ali inserida.

Dentre as explicações utilizadas por Erikson para a elaboração de sua teoria, uma delas diz respeito à cada etapa vivenciada, para ele o indivíduo cresce por meio de exigências internas do seu ego, bem como também cresce com as exigências do ambiente em que vive, levando em consideração toda cultura e a sociedade à qual o sujeito está ligado. Por meio disso, vê-se o quanto o indivíduo está sujeito a diversas exposições ao longo de sua vida e agrega à sua identidade somente aquilo que traz significado e, a rigor, lhe traz marcas ao longo de sua vida.

No decorrer dessa pesquisa, foram apresentadas as mudanças corporais que ocorrem na criança devido ao seu desenvolvimento, mudanças essas, que se voltam para um padrão do meio social vivido, aprendendo posturas, maneiras de portar e agir. A integração com o meio social auxilia no crescimento do “eu” individual, visto que esse processo ocorre devido às experiências vivenciadas, e à troca de ensinamentos entre os pares como canal de crescimento entre os seres humanos, no relativo ao seu crescimento corporal e mental, pois ao compartilhar e socializar momentos singulares com o outro, colabora para a construção de novos saberes e

para a aquisição de novas condutas entre todos os participantes do círculo social presenciado.

Ao relatar sobre a ritualização e o ritualismo nota-se que a diferença entre ambas se dá pela ritualização se tratar de certos tipos de interação informal, que se repetem em intervalos significativos em contextos cotidianos, sendo um processo no qual o sujeito adquire comportamentos, moral e espelhos parecidos com o grupo social convivido, sendo natural toda e qualquer mudança que possa ocorrer na vida dos participantes desse círculo. Por outro lado, o ritualismo tem como característica ser uma mudança abrupta para se encaixar no contexto social vivido, de forma que não haja explicação para determinada mudança de condutas e pensamentos, apenas uma aceitação dura pelo sujeito, para fazer parte de um todo.

Com a discussão específica acerca do âmbito escolar, verificou-se que se trata para a criança de um novo meio social para se explorar, para interagir, para se envolver com o novo que está sendo vivido. Participar e compartilhar diferentes visões e posicionamentos faz com que na escola aconteça uma maior absorção de novas maneiras de ser, o que é marcante para todo o processo de construção da identidade. E para o adolescente, se torna ainda mais significativo esse processo, pois ele está numa fase de descobertas, de aceitação pelo grupo social vivido, visando ter modelos para seguir na transição da adolescência para a vida adulta.

Outro aspecto a ser citado é sobre a relevância da brincadeira na vida da criança, pois é nesse contexto lúdico que inúmeras cenas do cotidiano são reproduzidas por ela, acontecendo nesse momento a internalização de determinadas ações, visto que ela reproduzirá aquilo que foi marcante e é de convívio recorrente dela, mas essa reprodução de comportamento pode ocorrer de maneira tanto positiva quanto negativa, dependendo de como a experiência ocorreu na situação presenciada.

O ego, o foco de todos os processos citados no trabalho, possui mecanismos de defesa que o auxiliam a afastar a ansiedade de uma nova fase vivida pelo sujeito, se nesse novo ambiente se possui características distintas no grupo social até então vivenciado, ao se deparar com a mudança, os mecanismos de defesa procuram especificidades parecidas com as já conhecidas pelo indivíduo. Esse movimento facilita o ego ao lidar com o novo, com as novas configurações apresentadas ao sujeito, as quais, com o passar do tempo, integrarão a vida do mesmo, fazendo com

que possa ocorrer uma re-ritualização, por agregar novas condutas do ambiente agora vivenciado cotidianamente.

Ao retratarmos sobre a consciência do “eu” e “nós”, é preciso compreender que a visão do “eu” só modifica para “nós” se, no círculo social presente na vida do sujeito, haja identificações, visões parecidas, condutas que se assemelham entre si, pois assim nasce uma segurança de ser “eu” sem medo. Por conta disso, o ego continuará se desenvolvendo se houver outros junto dele, visto que o ego precisa de uma troca entre seus pares para introjetar novas experiências adaptativas e identificações intensas da atual realidade vivenciada.

Voltar o olhar para a formação do ser humano enquanto pessoa integrante de uma sociedade e cultura em que vive, perpassa a questão de apenas limitar o sujeito aos seus comportamentos, mas também, pensar sobre o que advém de toda história vivida até então. Erikson, em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, ressalta sobre a importância de se conhecer essas situações experienciadas, pois ao se passar de um estágio a outro, o indivíduo possui resquício da fase anterior, formando e agregando características a sua fase de vida atual.

Ao falar sobre o processo de construção da formação do ser humano, é pertinente comentar sobre o superego das crianças ser espelhado no superego dos pais, por conta da transmissão de configurações culturais e morais, ocupando a mesma importância que tem na vida dos pais, na vida dos filhos, sendo por esse caminho que tradições são mantidas ao longo das gerações. Esse apontamento reforça sobre o primeiro núcleo influenciador na formação da identidade da criança: a família, visto toda bagagem existente dentro de cada ambiente familiar.

Para pensar como se dá a construção da identidade na idade escolar, a teoria psicossocial desenvolvida por Erik Erikson é fundamental, visto que a mesma permeia toda pesquisa devido a sua concepção de que todas as ações tomadas desde o nascimento, promovem consequências e/ou características até o fim da vida do ser humano. Dentro de cada estágio descrito por Erikson, ocorre uma crise, e ela impulsionará o amadurecimento do ego, podendo ser de maneira positiva ou negativa. Trata-se, portanto, de um fator marcante na construção da identidade do indivíduo, visto que a identidade tem seu processo de formação por meio das experiências marcantes da vida do sujeito.

No decorrer do trabalho, notou-se como o ingresso na escola proporciona às crianças diversas situações, trocas entre pares, novas culturas, novas condutas,

novos conhecimentos que, ao juntar com o que a criança e o adolescente já são, agrega ainda mais na sua vida, crescendo e construindo uma identidade que contempla todos os momentos significativos vivenciados somado as experiências já internalizadas. Ressaltando que a criança e o adolescente estabelecem relações com a história, com suas singularidades, seus desejos, com tudo o que já foi vivenciado e o que é construído diariamente com a convivência com seus semelhantes, atrelado a novos momentos significativos que ocorrem.

É importante refletir que o ser humano, como participante de uma sociedade que vive em constante modificação, enquanto alguém que tenta se adaptar a novas configurações presentes no seu dia a dia, tal qual a criança e o adolescente dentro da escola, pelos inúmeros estímulos ali presentes, a pressão em ser aceito nos grupos sociais vivenciados para se sentir pertencente a algum lugar e, ao mesmo tempo, a pressão em ser única, faz-se presente e a identidade vai se construindo permeada por tudo o que envolve a criança e ao adolescente.

Compreende-se neste trabalho que o resultado da correlação dos estágios vividos, autopercepção da criança, noção corporal e estímulos culturais recebidos dos pais, fazem ponte com os estágios futuros. As reflexões mais presentes e determinantes para a construção da identidade, advém de toda experiência marcante na vida da criança e do adolescente e, além do núcleo familiar, a escola é o momento de maior abertura a influências na vida do sujeito, pela junção de diferentes histórias, visões, culturas, num único ambiente, no qual, muito se deseja, que agregue boas vivências ao sujeito. É esperado que as experiências presentes no âmbito escolar sejam refletidas de maneira positiva, acrescentando e incentivando a formação de uma identidade única da criança e do adolescente ali inseridos, respeitando suas crenças e opiniões, sendo um ambiente no qual se possa crescer em todos os sentidos, respeitando o passado vivenciado, atribuindo-lhe significado e importância a toda história que envolve o indivíduo presente na escola.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. C. S. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Àtica, 1991.
- BEE, H. Teorias do desenvolvimento. In: BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BORDIGNON, N. A. O desenvolvimento psicossocial do jovem adulto em Erik Erikson. **Revista Lasallista Investigación**, Caldas, v. 4, n. 2, p. 7 a 16, jul. 2007. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-44492007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CARPIGIANI, B. Erik H. Erikson - teoria do desenvolvimento psicossocial. **Carpsi**, São Paulo, v. 7, ago. 2010. Disponível em: <https://www.carpsi.com.br/Newsletter_7_ago-10.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- COTRIM, G.; PARISI, M. **Fundamentos da educação: história e filosofia da educação**. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.
- ERIKSON, E. H. **Identity, youth and crisis**. New York: W. W. Norton & Company, 1968.
- ERIKSON, E. H. **Childhood and society**. London: Paladin Grafton Books, 1977.
- ERIKSON, E. H.; ERIKSON, J. M. **The Life Cycle Completed**. New York: W. W. Norton & Company, 1998.
- FREUD, A. **The Ego and the Mechanisms of Defence**. New York: International Universities Press, 1946.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo César de Souza. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. **Cinco lições da Psicanálise – Obras completas, volume 9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GALLATIN, J. **Adolescência e individualidade**. São Paulo: Harbra, 1978.
- GIANESI, A. P. L. Psicanálise e pesquisa. **Psicologia USP** [online]. São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 169-182, 2004. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/HC5rxMXqqpHZFVJykCVN6Fz/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- KELLAND, M. D. Brief Biography of Erik Erikson. **Social Science**, Lansing, ago. 2020, Disponível em:

<[https://socialsci.libretexts.org/Bookshelves/Psychology/Book%3A_Personality_Theory_in_a_Cultural_Context_\(Kelland\)/12%3A_Erik_Erikson/12.02%3A_Brief_Biography_of_Erik_Erikson](https://socialsci.libretexts.org/Bookshelves/Psychology/Book%3A_Personality_Theory_in_a_Cultural_Context_(Kelland)/12%3A_Erik_Erikson/12.02%3A_Brief_Biography_of_Erik_Erikson)>. Acesso em: 12 out. 2021.

LEITE, A. A. de M.; SILVA, M. L. Um estudo bibliográfico da Teoria Psicossocial de Erik Erikson: contribuições para a educação. **Debates em Educação**, Maceió, v. 11, n. 23, p. 148–168, 2019. DOI: 10.28998/2175-6600.2019v11n23p148-168. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6332>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NASCIMENTO, I. R. V.; ALVES, E. dos S., JÚNIOR, J. P. Contribuições do pensamento de Erik Erikson à ideia de formação humana à educação. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande. **Anais do II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. Campina Grande: REALIZE, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA6_ID2022_09092015150858.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RABELLO, E. T. **Personalidade: estrutura, dinâmica e formação** – um recorte eriksoniano. 2001. Monografia (Curso técnico em saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em <<https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Erikson-e-a-teoria-psicossocial-do-desenvolvimento.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

RODRIGUES, O. M. P. R.; MELCHIORI, L. E. Aspectos do desenvolvimento na idade escolar e na adolescência. **Acervo Digital Universidade Estadual Paulista**, jul. 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155338/3/unespnead_reei1_ee_d06_s01_texto01.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, L. A. R. dos. Educação para o futuro: psicanálise e educação. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2000, v. 4, n. 1. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/hHZPWgJwZBzZ8bjMdkZDw5F/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 jan, 2022.

SCHULTZ, D. P e SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. 9. Ed. Cidade: São Paulo. Cengage learning, 2010.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

SHIRAHIGE, E. E., HIGA, M.M. A contribuição da psicanálise à educação. In: CARRARA, K. **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004. p.13-46.

SILVA, A. P. da; MARQUES, M. L. G. R. Dantas; DANTAS, G. E. Relação entre a teoria psicossocial de Erik Erikson e a adolescência no contexto escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande. **Anais do II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. Campina Grande: REALIZE, 2015 Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD4_SA2_ID2732_08092015003107.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SOUSA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v.20, n.43, p.64-83, 2021. Disponível em: <<https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. XI, n. 2, p. 525-554, jun./2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004>. Acesso em: 20 jan. 2022.

VERÍSSIMO, R. **Desenvolvimento psicossocial – Erik Erikson**. Porto: Slim Books Series, 2002.